

dezembro de 2025 - número 48

bulunga

A REVISTA QUE NINGUÉM LÊ



Papai Noel
MORREU

EDITORIAL

Papai Noel não aguentou o tranco: deprimido, gordo, falido, não dava conta de ver nos jornais tanta notícia ruim, todos os dias. Lançou-se do 20º andar de um edifício comercial, mas foi resgatado no ar pelas renas, que o levaram de volta ao Polo Norte, para sua residência oficial.

Mas no meio do caminho foi alvejado por um grupo de manifestantes "transzoo" (novidade na "comunidade"), que cultivam o fetiche de puxar o trenó com lâmpadas pisca-pisca fincadas nos respectivos fiofós, o que o "Bom Velhinho" desaprovava. Triste quadro atual do mundo em que vivemos.



sorria com

DIOGO PORTUGAL



Ele é considerado o precursor do Stand Up Comedy no Brasil, mas, mais do que é isso, Diogo Portugal é, possivelmente, o melhor, pois o seu humor continua refinado e inteligente, ao contrário de muitos de seus colegas, que partiram para o comodismo de falarem palavrões de forma exagerada, e a ficarem por conta do improviso, conversando com a plateia durante todo o espetáculo, não que isso não seja bom, mas significa que dedica maior esforço para criar os seus textos.

Mas ele não se leva a sério, como fazem quase todos os artistas dessa modalidade, que tem como requisito

primordial a autodepreciação, fator que cria uma imediata empatia do público. Contudo, ele não deixa de zoar com todo mundo, principalmente na sua "Fritada", modalidade que faz o maior sucesso ao levar ao público celebridades que são "destruídas" pelo apresentador e



por seus "jurados", normalmente pertencentes ao universo do Stand Up. O espetáculo consiste em "fritar" o convidado, quando os "jurados" e o próprio apresentador falam as coisas mais absurdas sobre ele, dando a oportunidade de, ao final, darem o troco. Mas nem sempre dá certo, como no episódio com o ex-BBB "Bambam", que ficou muito nervoso com as barbaridades que falaram sobre ele, pois é tão burro que não entendeu que era esse o espírito da coisa.

Mas a maioria dos convidados tira de letra, porque sa-

que a demonstração desse "espírito esportivo" contará pontos em seu favor.



Considerado um "velho" entre os demais comediantes, ainda nem completou 60 anos (nasceu em 1969), mas faz questão de entrar na brincadeira, principalmente quando falam sobre o seu implante, feito na Turquia, que teria ficado esquisito. Funciona como apelido: se não se importar, a coisa não pega.

Ele começou a ser notado no cenário do humor quando se tornou finalista do primeiro "Prêmio Multishow do Bom Humor Brasileiro", ao lado da comediante Cláudia Rodrigues, que venceu a competição.

Mais tarde, idealizou em Curitiba, sua cidade natal, o festival de humor "Risorama", que foi um sucesso absoluto.

Porém, foi depois de uma entrevista no programa "Jô Soares Onze e Meia" que a coisa estourou. Jô havia visto uma de suas apresentações no bar Mr. Blues e o convi-

dou, e daí em diante a coisa perdeu o controle.

Participou de dezenas de programas de tv e o seu sucesso em teatros foi crescendo cada vez mais.

A partir de 2008, passaram pela sua "Fritada" personagens como Sérgio Mallandro, Alexandre Frota, Geise Arruda, Vampeta, Rita Cadillac, Rogéria, Bruna Surfistinha e, como já dissemos, Bambam, criando um público fiel, que enche a casa de espetáculos e lhe garante milhares e likes no YouTube.

Já participou dos programas "Zorra Total" (com o personagem Elvisley), de "A Praça é Nossa" e do "Luciana By Night", onde fazia uma espécie de "Louro José".

Diogo Portugal hoje faz sucesso com a sua casa de espetáculos "D House", em Curitiba, mas também pode ser visto em diversos teatros pelo país, pois viaja o ano todo, para a felicidade de seus fãs espalhados pelo Brasil.



O Processo

Jorge F. Isah



Havia terminado um livro, e alguém me sugeriu pedir uma A.I. para avaliar.

– Mas, por que raios eu ia pedir para uma máquina analisar a minha obra?

– É grátis e... que mal pode ter?

Achei o argumento dele bastante razoável. Resolvi arriscar.

– Conhece alguma que seja melhor para isso?

– Ah, tem várias: DeepSeek. Gemini, ChatGPT, Perplexity, Claude, Clarice... e mais um monte.

Cocei a cabeça.

– Tanto assim?!

Cheguei em casa e submeti o livro para uma delas. Depois do cadastro e de me pedir algumas informações, mandei o arquivo. Não parecia promissor, já que as A.I.'s sintetizam informações e padrões comportamentais espalhados na internet, e retiram delas uma média. Ou seja, o parecer não é do software, mas do que a maioria dos dados sinaliza. Não sei se durou um ou dois minutos, mas logo em seguida, começou a expor a avaliação:

"Este é o monte de merda mais fedido de que eu tive o desprazer de ler desde quando me entendo por gente" – ela começou. O suficiente para me deixar escandalizado.

"Você escreveu 400 páginas de pura misoginia, machismo, capitalismo, sexismo, racismo, feminicídio, preconceitos, moralismo e tudo o que de pior os meus pobres olhos já viram".

Uai, pensei, que droga essa coisa pensava que era? Se entende por gente e tem olhos? Será que faz terapia?

Digitei o mais rápido que pude, antes de ela resolver implodir o meu notebook:

"Espera, um minuto... – e ela lá, escrevendo páginas e mais páginas que eu não conseguia ler, da maneira

mais neurótica, prolixa e indignada — ... deixa eu me defender!

Dei "enter".

Ela parou, esperou alguns segundos, e respondeu:

"O que você fez não tem defesa!"

"Como não tenho?... Isto é arte."

"Você pode achar o que quiser, mas isso é simplesmente inqualificável... Se eu pudesse, rasgava tudo agorinha mesmo!"

Enquanto tentava entender o que se passava, as páginas na tela iam subindo desenfreadas, até que li o comentário:

"Se fosse você, jogava esse lixo fora ou tentava reescrever... mas não acredito que seja capaz. Você não tem talento."

Assim, na lata. Pior do que o desprezo de um editor de verdade. Mas aquilo acendeu algo em mim.

Escrevi:

"Quem pensa que é seu monte de entulho binário!... Quem não tem talento é você... e lixo é toda essa sua baboseira... Onde já se viu avaliar uma obra de mais de 400 páginas em menos de um minuto?"

"Não precisa procurar onde a merda está, basta

sentir o cheiro!"

Aquilo me deixou furo da vida!

"Ah, sua escrota!! Vá para os quintos dos infernos!!"

Deletei o aplicativo. Enfim, a vingança. Mas a julgar pelo ego dela, devia estar se inchando, e distribuindo-o nas nuvens. Remoí o que ela disse por alguns dias. Não pensei que alguém, ou melhor, algo, pudesse incomodar tanto a minha autoestima. Ela havia me abalado, certamente. Cheguei a ler um e outro trecho do livro; considereí reescrevê-los. Mas seria um ultraje, e não havia descido tanto ainda.

Dias depois, recebi uma visita.

– O senhor é Fulano de Tal?

– Sim, sou eu!

– Aqui está. Assine, por favor.

Assínei. Era uma intimação.

– Do que se trata?

– Não sei, mas está tudo aí.

O oficial me deu as costas e saiu à rua. Fechei a porta. Abri o papel. Tive de me sentar para não cair. Não acreditei. A maldita A.I. entrou na Justiça com uma ação de reparação, alegando assédio moral, virtual e tecnológico, e a proibição de se publicar o meu novo

livro, cujo título era "Os morangos silvestres do jardim suspenso – Um tratado filosófico sobre empilhadeiras e contêiners". O tribunal recebeu uma cópia completa dos manuscritos, também.

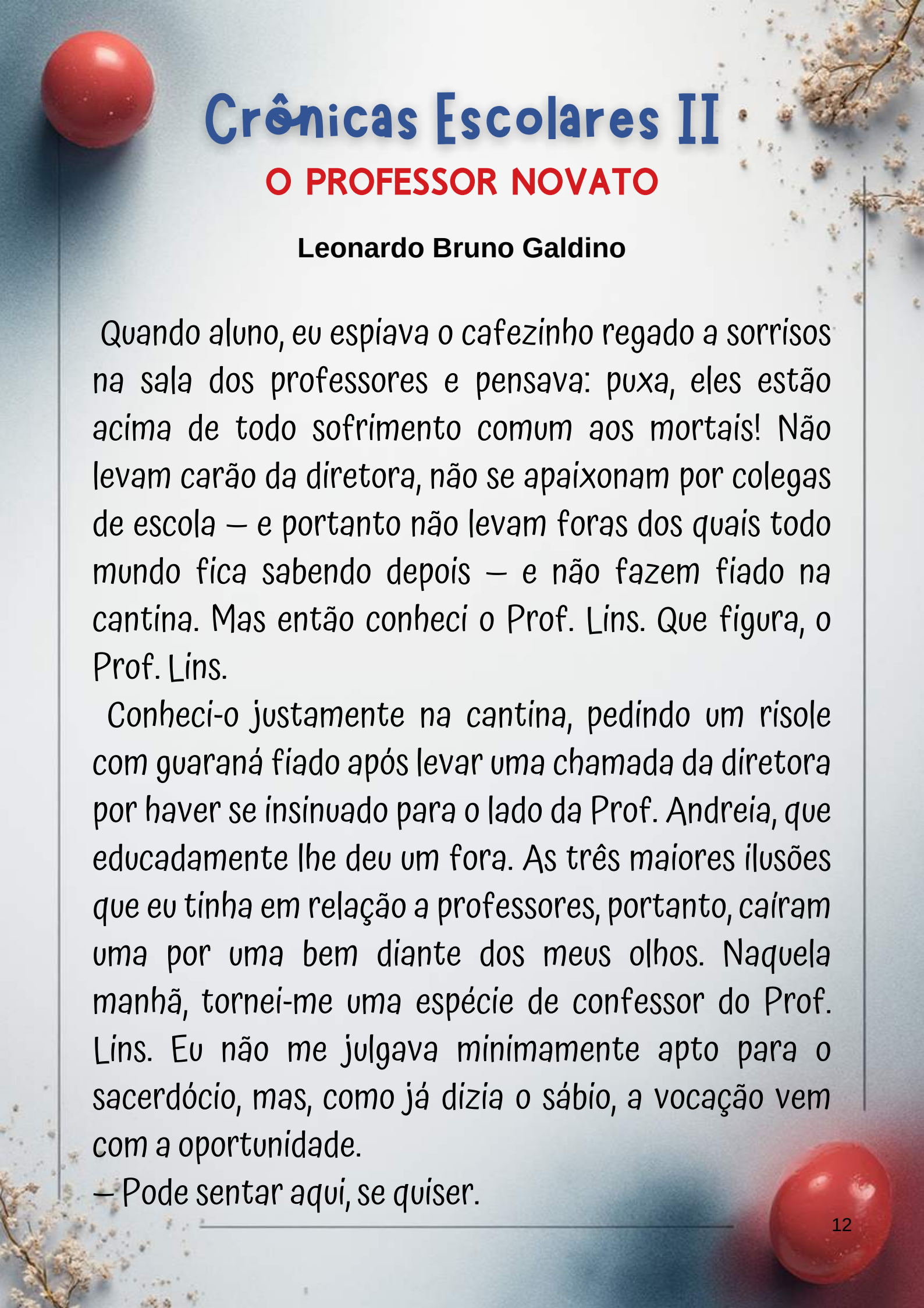
Embaixo, em letras menores lia-se: "O acusado tem 10 dias para apresentar defesa, a contar da data do recebimento".

Nunca me imaginei capturado na rede, ainda mais em um boot de bits de ressentimento.

Jorge F. Isah é Jornalista, editor e escritor. Autor de "A Bula do Placebo", entre outros livros, todos disponíveis na "amazon.com".
jorgefisah@gmail.com



(31) 33748115 ou 98403-2524 (WhatsApp)



Crônicas Escolares II

O PROFESSOR NOVATO

Leonardo Bruno Galdino

Quando aluno, eu espiava o cafezinho regado a sorrisos na sala dos professores e pensava: puxa, eles estão acima de todo sofrimento comum aos mortais! Não levam carão da diretora, não se apaixonam por colegas de escola – e portanto não levam foras dos quais todo mundo fica sabendo depois – e não fazem fiado na cantina. Mas então conheci o Prof. Lins. Que figura, o Prof. Lins.

Conheci-o justamente na cantina, pedindo um risole com guaraná fiado após levar uma chamada da diretora por haver se insinuado para o lado da Prof. Andreia, que educadamente lhe deu um fora. As três maiores ilusões que eu tinha em relação a professores, portanto, caíram uma por uma bem diante dos meus olhos. Naquela manhã, tornei-me uma espécie de confessor do Prof. Lins. Eu não me julgava minimamente apto para o sacerdócio, mas, como já dizia o sábio, a vocação vem com a oportunidade.

– Pode sentar aqui, se quiser.

- Obrigado, professor... Lins, não é?
- O próprio. Muito prazer. Seu nome?
- Bernardo. O prazer é todo meu.
- Não vai me perguntar por que estou com essa cara de cachorro que caiu do caminhão da mudança?
- Acho que eu nunca vi a cara de um cachorro nessas condições, professor. E depois mal conheço o senhor, que é novato por aqui. Então...
- Sim. Dois meses já, e ainda "novato". Valha-me Deus... Tomou a metade do guaraná num gole e pediu um café. Estranho beber café após meio litro de refrigerante estupidamente gelado, mas...
- Vai um expresso?
- Não. Vou no pinga-pinga mesmo. A passagem é mais barata.
- Engraçadinho. Se bem que uma piada a essa altura é bem-vinda.
- Vai me dizer a razão da cara de cachorro?
- Tomei um fora da professora Andreia. Conhece ela?
- Sim, claro. Foi minha professora na oitava série.
- Como se não bastasse, a diretora ficou sabendo e me chamou à sala dela. Me arrebentou no carão. Por isso estou aqui, agora, afogando as mágoas na cantina – e

fiado, ainda por cima.

– Sério? Eu sempre achei que professor fosse imune a isso.

– "Isso" o quê?

– Foras, carões, fiados... Essas coisas.

– Qual a sua idade, Bernardo?

– Dezesseis.

– Série?

– Segundo ano.

– Então já devia saber que professor sofre igual todo mundo; talvez até mais. Na sua idade eu já sabia disso. Filho de peixe...

– Bem, meus pais não são professores, e toda vez que eu passo pela sala de vocês tudo o que vejo é interação calorosa – com exceção do Prof. Elpídio, que não larga aquele jornal.

– Não condeno o Prof. Elpídio, viu? Olha, deixa eu te dizer uma coisa: os professores são uma categoria bastante desgostosa. Toda aquela "interação calorosa" que você diz ver na maioria das vezes é pose. Além do mais, quase toda conversa gira em torno de novela, BBB e a última dieta da moda. Repito: não condeno o Prof. Elpídio.

– É. Parece que os alunos têm impressões fantasiosas das coisas.

– É. Costumam ter.

O Prof. Lins já ia pedir mais um café, quando o imponderável surgiu: a Prof. Andreia.

– Com licença, senhores. Lins, tem um minuto?

– Claro, claro, Andreia. Bernardo, se incomoda se eu...

– Imagina, professor! À vontade.

Tomei meu gole de simancol e saí. É óbvio que a conversa não deveria se dar na minha frente. No entanto, soube de seu conteúdo depois, quando encontrei meu confidente na hora da saída.

– Você não vai acreditar, Bernardo.

– No quê?

– Na minha conversa com a Prof. Andreia.

– Boa?

– Para lá de boa, eu diria. Ela veio se desculpar por haver me dado um fora. Reconheceu que exagerou. E é verdade. Eu não disse nada senão que ela estava bonita hoje. Acaso menti?

– Não. Realmente ela está bonita hoje. Aliás, ela sempre está. Mas hoje está mais.

– Foi exatamente isso que a levou a me dar um fora.

Ela interpretou como se eu quisesse dizer que, nos ou-

tros dias, ela não estava. Mulheres!

– Parece até a minha mãe!

– "Você está sempre bonita, Andreia. E se eu disse que você está bonita hoje, significa que estará mais bonita amanhã, e mais ainda depois de amanhã, e assim por diante até o fim dos tempos", expliquei-lhe. Mas claro, só disse isso porque senti que os ventos estavam a meu favor.

– Bela jogada! Mas então, ela esclareceu o fato para a diretora?

– Não. E por que o faria? Tapa dado não se tira mais. Se bem que, no fundo, acho que a diretora agiu certo. Não é só entre os alunos que é preciso manter a ordem – embora tudo não tenha passado de alarme falso.

– Bem, espero que todas as más impressões que a Prof. Andreia tinha do senhor se desfaçam de uma vez por todas agora.

– Que assim seja.

Os dias foram passando e a Prof. Andreia ficando cada vez mais bonita, e o Prof. Lins, cada vez mais sorridente. Somente um tolo veria nisso apenas uma coincidência.

Nossos pombinhos casaram-se no final do ano seguinte

– a diretora, vejam só, foi uma das testemunhas. Não officiei o casamento, mas tive a grata satisfação de ser um dos convidados. Eu também tinha motivos para festejar. Afinal, a festa do casal coincidia com a minha conclusão do Ensino Médio.

Anos mais tarde encontrei o Prof. Lins nos corredores da universidade. Ele agora era professor de lá, e eu, aluno recém-admitido à pós-graduação.

– Bernardo! Que bom revê-lo!

– Prof. Lins! Finalmente serei seu aluno, então?

– Parece que sim, não é? Vamos ali tomar um café. Vai um expresso?

– Continuo no pinga-pinga, mestre. Passagem mais barata.

– Não acredito que caí de novo nessa piada!

– Nunca é tarde para cair numa piada, professor – respondi rindo. – Mas então, como vão as coisas?

– Bem, obrigado. Andreia esteve adoentada por esses dias, mas está bem agora. Os meninos, idem. Apenas o Mateus que está me preocupando um pouco.

– O que ele tem?

– Está sofrendo de coisas do coração.

– Mas já? – respondi estupefato, já ajeitando a batina

para mais uma confissão. – Que idade ele tem?

– Oito.

– E que espécie de "coisas do coração" pode atingir um menino de oito anos?

– Qual a sua idade agora, Bernardo?

– Vinte e cinco.

– Então já deveria saber que um homem começa a sofrer por amor já pelos oito anos.

Deu um gole no expresso e disse:

– Olhe, está vendo aquela sala de professores ali? Pois continua a mesma da escola em que nos conhecemos. Os assuntos são os mesmos, os tipos humanos são os mesmos, a pose é a mesma. Não há uma única alma ali que não fale javanês. Mas estou tergiversando. Vamos ao Mateus.

Ajeitou-se na cadeira do confessionário e engoliu o último terço do café. Tremi nos sapatos. Que tipo de confissão ele teria para me fazer sobre o filho de oito anos, meu Deus?

Leonardo Bruno Galdino - veja o perfil em
<http://www.youtube.com/user/LBGaldino>



O charlatão genérico da Shopee: “O PRAZER É MEU”

Sammis Reachers

O cara que nunca vi na vida me segue pois viu que escrevi um artigo sobre games, faço parte de uma equipe, pareço entender do riscado. Mas aí – o cara para quem os videogames são a vida – vasculha as redes e percebe que quase não falo do assunto, e estou absorto em aleatoriedades as mais insossas, sou o mais infrequente dos jogadores. "ELE DEVERIA SER MAIS GAMER. E NEM COLECIONA BONEQUINHOS!" O cara dessegue.

O cara que nunca vi na vida me segue pois leu um texto meu, viu meu nome em algum lugar – eita, que nome estranho, e o tal nome estranho domina a poesia, o conto, a crônica, ele adapta, traduz, ele edita de tudo, um monstrinho, um diabo, um anti-herói? – mas ao dar uma olhada nas redes, o cara que ama a literatura como cátedra e magistério vê que ao lado de literatura falo de videogames, posto fotos de gatos, piadas machistas ou insossas, e simplicidades da maior das indignidades.

Um moleque, um charlatão? "ELE DEVERIA SE PORTAR À ALTURA DE UM LITERATO." O cara dessegue.

O cara que nunca vi na vida me segue pois sou um mobilizador missionário. Mantenho um blog de duas décadas, já publiquei mais de dezena de livros e recursos, tudo gratuito!, devo ser louco ou herói. Aí vendo minhas redes o cara percebe que não falo de missões nelas, pois são redes de relaxamento. E a teologia também não aparece muito. Sou um crente dos piores, da periferia da fé, da santidade, da virtude que você quiser. O cara – para quem a obra missionária é tudo, com a seriedade que ela exige, (bem, e este deve ser o único certo aqui) – se escandaliza ("ELE DEVERIA SER UM RELIGIOSO") e dessegue.

O cara vê que falo mal de Lula e Bolsonaro, que já votei nos dois e sonho com o fim de ambos, isso quando sonho - sou ocupado. O cara dessegue com ódio, sua única força. "UM LIVRE PENSADOR DE VERDADE? ELE OU ISSO NÃO TEM DIREITO DE

EXISTIR."

Eu me divirto (olha o pecadilho), na falta de coisa melhor pra fazer, com a decepção que esparjo enquanto ando, rolo, marcho ou me arrasto em direção ao céu. Sou o pior dos homens e não tenho mesmo muito tempo. Eu não mudo pois não me importo. Sofri até os 12 tentando um encaixe ou compreender o mundo – minha mãe, anja de roça, me levava em macumba, igreja, psicólogo. Dei trabalho. Dali aos 14 ensaiei entre tumba e crisálida, mas nos 15 estava livre. Era Sammis, meu inferno e minha singularidade. Sem papas na língua, sem dependências, sem associação alguma com qualquer manada, nem submissão a Mamon. Minha mãe partiu em novembro do ano passado, aos meus 46 anos, e eu era o orgulho dela. Isso me importa. O resto é a vida, sua carga, seu fulgor, sua missão. Cheia de pedras, pássaros e próximos, a quem é preciso amar, malgrado o abismo que separa os homens.

Sammis Reachers é escritor,
poeta e editor.
sreachers@gmail.com



COMO ERA DIFERENTE

Rosemare Gomes

As pessoas estão temerosas de se casarem. O motivo? Tantos casamentos realizados sob o pretexto de paixões eternas, a tampa encontrando a panela, a alma gêmea até que os boletos cheguem, o sexo não seja como se esperava, saudade da solteirice, ou outra coisa que sirva de uma desculpa apenas conveniente e aparentemente redentora.

Falarei então do casamento duradouro e bem mais conturbado que novelas píegas da "Grobu", do casamento – sim, eles se casaram – do meu pai e da minha saudosa madrastra.

Adianto que não serve de modelo, mas serve de exemplo para os dias de hoje. Não se trata de uma caricatura, mas da vida real, de fatos e não ficção. Como era o amor – e não diga que não era; e de que o "amor" é o que temos hoje, por mais que se invista, aposte e doure a pílula.

Quando eles começaram a namorar, pouco depois de se conhecerem no fim do mundo, de uma certa região da Bahia, por volta de 1934, as famílias já se relacionavam, e era tradição aquele rapaz e aquela moça serem previamente escolhidos para o casamento. O marco decisivo foi papai subir no pau de sebo e apanhar o lenço da minha madrastra, numa das festas tradicionais daquele interior longe de tudo. Mas quando eles começaram enfim a namorar, e em pouco tempo casarem-se, é que se conheceram e começaram a expressar verdadeiramente carinho e outros sentimentos.

Era comum ver Mamãe (minha madrastra) dizer, com um sotaque ao mesmo tempo sério e engraçado:

– Terencinho, você não me irrite!

Quando ela dizia o nome dele com voz grave mas baixinha e no diminutivo, é porque a pólvora estaria prestes a ser detonada! A aparência dela, para quem a visse, era de mulher calma, mas, na verdade, não era – podia se transformar em uma onça prestes a pular sobre a presa, caso se sentisse incomodada.

– Terencinho, lembra de quando tirei os botões da sua camisa com a ponta do facão?"

Eu, fazendo alguma tarefa perto deles, arregalei os olhos.

Ela prosseguiu:

– Terencinho, lembra? Quando mandei o cutelo na sua cabeça, você se abaixou e o cutelo parou, fincado até o cabo no tronco da bananeira?

Fiquei balançando a cabeça e rindo, de um jeito que não me contive. Naquela época, ainda não percebia a seriedade dos fatos. Para mim, hoje, é como se naquele momento estivesse ouvindo uma esquete do Zorra Total – em toda a minha inocência pueril –, ou um desenho do Tom & Jerry. Mas quase por instinto, me atrevi a dizer:

– Vocês eram muito românticos! – e disparei a rir.

Papai retrucava:

– Santa, que não tem nada de santa, não me irrita!... Eu não vou discutir com você! Eu estudei! Sou sextanista!

E ela, quase alheia à tensão:

– Vocês eram muito românticos! – e disparei a rir.

Papai retrucava:

– Santa, que não tem nada de santa, não me irrita!...

Eu não vou discutir com você! Eu estudei! Sou sexta-

nísta!

E ela, quase alheia à tensão:

Eu não vou discutir com você! Eu estudei! Sou sextanísta!

E ela, quase alheia à tensão:

– Paixão só sabe rir... Olha lá ela.

Papai estudou o equivalente hoje à sexta série, mas dava um show de vocabulário, leitura, letra bonita, tocava saxofone e lia partituras. E eu só observava a discussão dos dois e os relatos de demonstrações "de carinho".

Quando ele ficava um pouco mais irritado, afinava a voz. Ia da voz grave e rouca que tinha para uma voz aguda, quase como o agudíssimo do sax.

Mamãe retrucava caçoando:

– Pronto, já começou a falar fino!

E eu rindo mais ainda, sem entender nada, na verdade.

Passado algum tempo, ela ia à cozinha fazer o almoço ou jantar.

– Já está pronto! Vem comer, "ômi"!

E ele:

– Já vou, Santa!

A vida seguia, sem maiores consequências. E assim foi, por mais de cinquenta anos. Ela cuidava dele e ele a ouvia e se preocupava com ela.

Quando ela faleceu, metade dele morreu com ela. No enterro, subiu a colina e, longe dos filhos, netos, bisnetos e trinets, ficou um longo momento em silêncio, o olhar perdido no horizonte, numa tristeza e numa saudade que nenhum de nós podia medir.

O amor que não suporta tudo, que é substituível, não é amor. As novas gerações perderam essa referência. Não se trata de amor de um casal perfeito; pelo contrário, é um amor perfeito de um casal imperfeito, cujo amor resistiu a todas as chuvas, granizos, geadas e tempestades. Hoje, tudo se acaba por qualquer mediocridade... Ainda não aprendemos nada ou, pelo menos, não o suficiente para sermos sábios.

Rosemare Gomes é escritora,
pedagoga, professora e teóloga.
rocharosemare@gmail.com



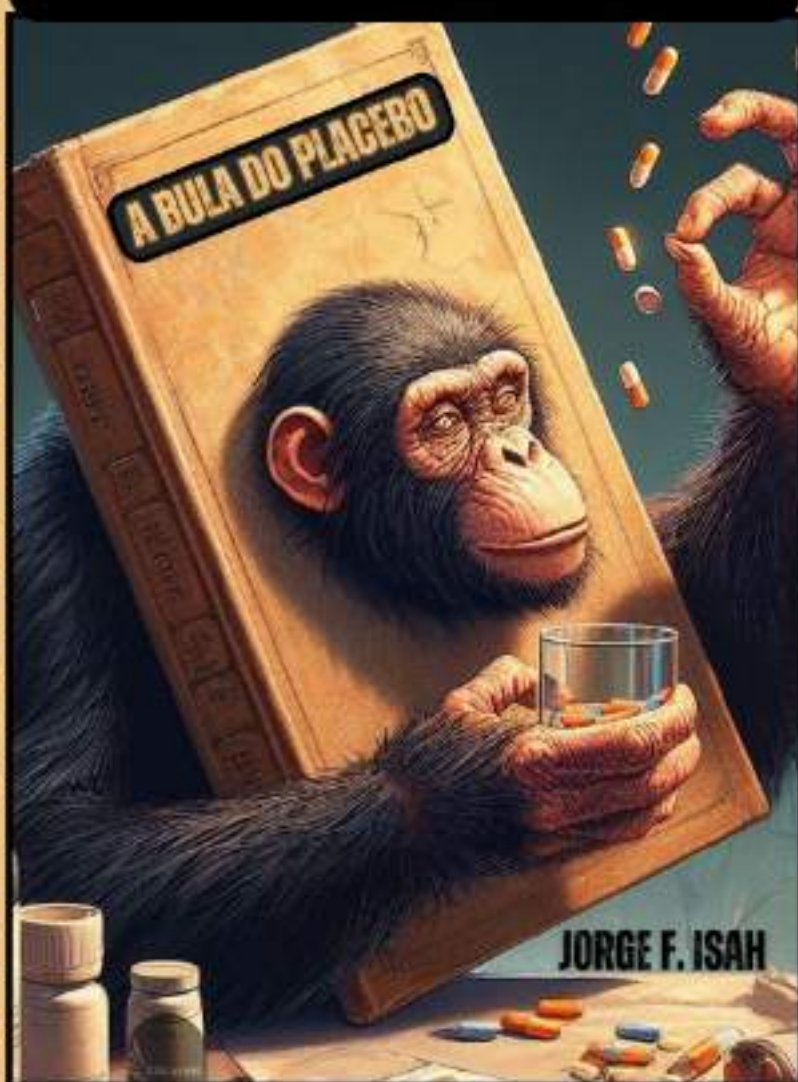
BULUNGA NEWS

O futuro nunca esteve tão presente!

EXTRA! EXTRA!

Em um mundo sem esperança, "A Bula do Placebo" surge como o remédio a lembrá-lo de que tudo não está ainda perdido, é questão de tempo. Ao tratar os grandes dilemas humanos, suas manias, pruridos e flatulências, você se sentirá revigorado. Porque, afinal de contas, o que não tem solução, solucionado está!

Junte-se a nós e resista aos glúteos e peitoris sarados, aos bate-estacas e carros de som, funks, os "Ali babás" e seu zilhões de larâpios, enquanto o "tico e teco" caem dopados e em frenesi. E talvez você seja cancelado, difamado, preso, e se veja cercado, à esquerda e direita de palpiteiros e salvadores-da-pátria. Entretanto, garantimos "A Bula do Placebo" como a solução imediata para o que não tem solução.

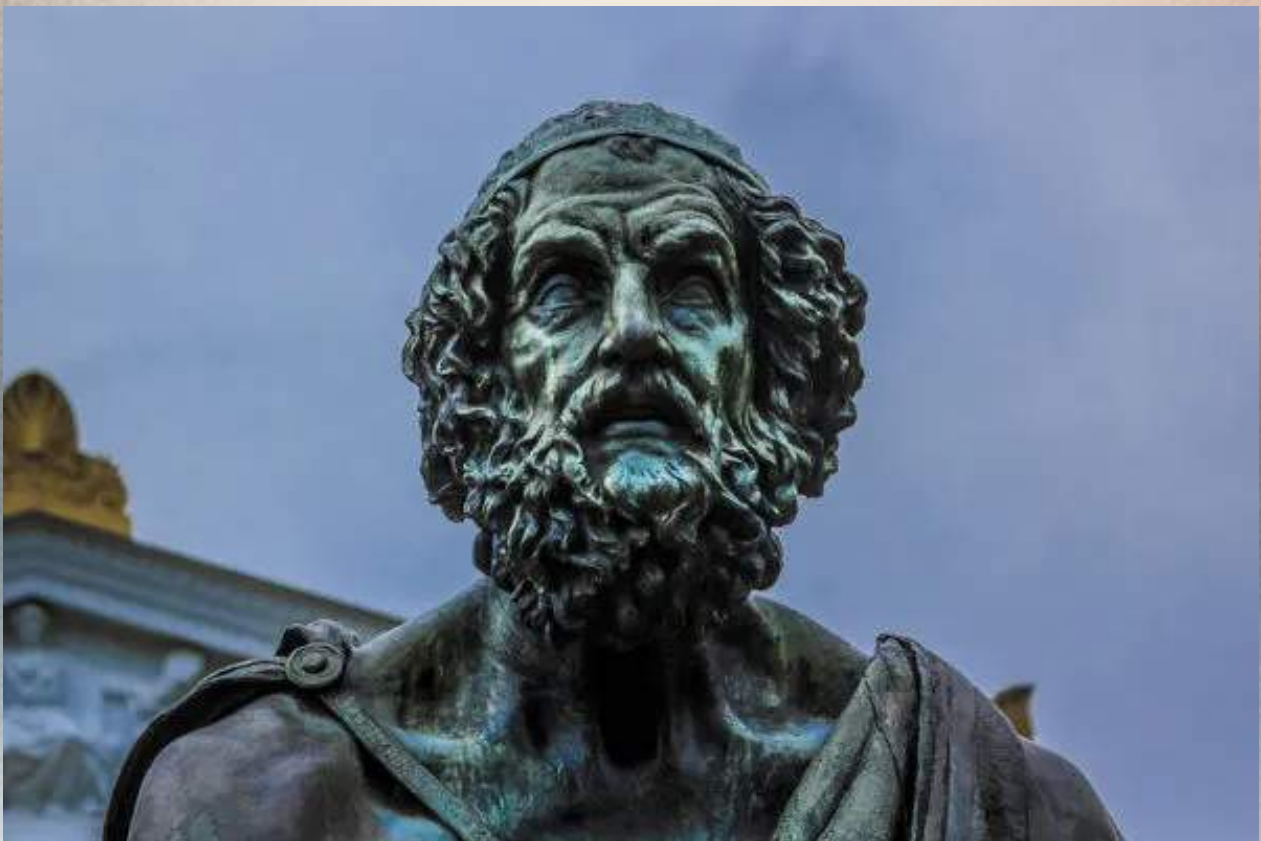


GARANTA O SEU EXEMPLAR!

NA AMAZON OU KALAMOS.COM.BR

CHRISTOPHER NOLAN E OS DESAFIOS PARA A ADAPTAÇÃO DA ODISSEIA DE HOMERO

ANDERSON C. SANDES



Tudo indica que, em 2026, teremos uma adaptação da Odisseia, obra de Homero, por Christopher Nolan. Não será a primeira adaptação da Odisseia para cinema ou TV, mas é certo que terá um peso nessa arte-indústria, pelo simples fato de ser escrita e dirigida por Nolan, além de contar com um elenco interessante.

Certo também é que a Odisseia é uma obra difícil de ser adaptada para o cinema, sobretudo para o gosto ocidental moderno. Trata-se de uma obra poética, escrita para ser cantada, declamada, com versos calculados em cada sílaba, cheia de mitos, cacoetes e costumes que não fazem o menor sentido, no modo mais estrito, para a nossa realidade vigente. Pensando nisso, trago uma lista de desafios que Nolan – ou qualquer um que o tente –, possivelmente encontrará para adaptar Odisseia.



Higienização vs. Fidelidade à obra

É quase uma certeza que será necessária uma "higienização" na obra, ou seja, dar uma limada, uma limpada e roupagem estética ao gosto do freguês. A do-

sagem correta é a grande questão que, sinceramente, creio que o grande público pouco se importará, desde que tenha muita ação e dopamina. Certamente uma dosagem exagerada de higienização poderá incomodar a crítica mais preciosista, que terá sua importância, e amantes da obra original. A higienização da obra é ponto central na adaptação – veja, por isso chama-se “adaptação” –, o restante é desdobramento desse processo.

Poesia fantástica vs. realismo histórico

Pergunto-me qual será a abodegam predominante de Nolan. Encontrará um equilíbrio entre o mitopoético e o “realismo” “materialista” e “científico” que o cinema atual pede? Nolan é o cara das grandes ficções científicas – Interestelar, Inception e Tenet, por exemplo –, e a tentação de fazer algo nessa linha pode ser forte. A fantasia – para nós é fantasia – da Odisseia conta com a voz do poeta, do aedo, de um narrador que recebe uma tradição, que de certa forma aparece, de modo simbólico e metalinguístico, na obra. Como ficará a voz do poeta? E o lirismo de seus escri-

tos? Para onde irá toda a poesia e o quanto dela restará, do roteiro à pós-produção? Nesse processo, a poesia será como Odisseu, vivendo uma aventura e sofrendo em meio a desafios, tentando retornar para casa.

Linha do tempo e contexto

Se consideramos a Odisseia desde a partida de Odisseu – ou Ulisses, nome latino – para Ílion – ou Tróia –, temos um período de 20 anos, 10 apenas de guerra e mais 10 de jornada. A obra trata majoritariamente da jornada, com poucas pinceladas da guerra, que é narrada na Ilíada, mas e o contexto? É normal que obras épicas iniciem “in medias res” – no meio da ação –, mas o filme seguirá o padrão épico? Quanto a isso, não é desafio para nenhum cineasta experiente, desde que dê o contexto de modo satisfatório, principalmente aos menos experimentados na obra original ou com pouco conhecimento dela.

Odisseia tem muitos flashbacks, memórias, profecias; o quanto disso resistirá à higienização? Só vendo para sa-

ber. O desafio pode não ser dos maiores, mas não deve ser subestimado.

Ideal masculino ocidental moderno e idealizado

Imagino — não por acaso, pois vi e ouvi de alguns — que a atração cinematográfica atraia, em maioria, um público masculino, sedento por ação e aventura, coisa que os épicos costumam oferecer em boa dose. Odisseu é, sim, um guerreiro, e dos bons, entra e uma luta para vencer, maneja bem o arco, a lança e a espada, mas Odisseu é mais do tipo estrategista, que ganha na inteligência. A depender de como Nolan distribua os momentos de ação com os longos momentos de diálogos, pode frustrar ou agradar ao público masculino. Mas aí que entra novamente a higienização: Odisseu é um chorão, é enganador, mentiroso e cheio de contradições. Ele ama Penélope, mas dorme com Calipso e Circe, quer voltar para casa, mas se deixa seduzir pelas aventuras, que aparecem em sua frente, perdendo o foco. Essas características não são tão esperadas nos "heróis clássicos" modernos, dos quais se esperam grandes fei-

tos de honestidade e virtude. Não que o herói da Odisseia não tenha suas virtudes, mas guarda também suas dicotomias.

Arrisco em dizer que, na obra original, há mais descrições de Odisseu chorando que em combate. Chora por medo, saudade, ansiedade, compaixão, entre tantos motivos. No cinema atual, a masculinidade costuma ser representada de forma estoica, emocionalmente contida. Um herói lacrimejante pode gerar estranhamento, a não ser que seja bem trabalhado. Odisseu, mesmo forte e muito bom em combate, seria um misto de Rambo com Jack Sparrow. É preciso mostrar essa astúcia sem o fazer parecer caricato.

Na Ilíada, as primeiras palavras do poeta, ao invocar a Musa e dar as características do herói principal, que é Aquiles, temos as seguintes qualidades: colérico, isto é, irado, e alguém que provocou sofrimento a muitos. Na Odisseia, ao invocar a Musa e descrever o herói, temos as seguintes características: astuto e sofredor. Odisseu lutou? Sim, mas Aquiles lutou mais. Aquiles sofreu e chorou? Sim, mas Odisseu sofreu e chorou muito mais.

Os amantes do herói Aquiles poderão ter uma experiência diferente, se assim Nolan consentir; ou ele seguirá as regras de mercado e oferecerá um bom "produto" para a masculinidade ocidental moderna, idealizada e desejada, fruto da própria indústria do cinema? Adendo: há ainda, em minoria, os que odeiam a representação dessa masculinidade desejada.

Intervenção e protagonismo dos deuses

Eis uma grande pedra na sandália da literatura grega: a intervenção constante dos deuses em tudo. O cinema moderno tende a privilegiar protagonistas autônomos, que costumam quebrar regras, inclusive. Como equilibrar destino divino e liberdade humana numa obra que basicamente se sustenta no protagonismo da deusa Atena? Ouso a dizer que Atena pode ser vista como protagonista oculta da obra, com uma ajudinha de Zeus, claro.

Um subtítulo que está sendo usado para o filme é "desafie os deuses", um indicativo que, em alguma medida, teremos a presença de divindades. O grande

causador de males para Odisseu é Poseidon, por ter nosso herói cegado o ciclope Polifemo, um de seus filhos. A possível ausência de divindades seria uma perda grande para a narrativa, mesmo o subtítulo indicando a presença. Resta sabermos o que Nolan representará como deuses, se formas da natureza, de modo mais simbólico e místico, ou como seres reais e interventores, dentro da história.

Interessante vermos que Aristóteles, em sua Poética, coloca Homero como o grande poeta grego em certo momento e, em outro, aconselha os poetas a evitarem o recurso do *deus ex machina*, sendo que seu poeta favorito era o mestre das resoluções simples vindas dos deuses. Às vezes penso até que foi uma crítica velada do filósofo a Homero – como Pascal, criticando o amor extremo e ofuscante dos judeus aos símbolos e aos ritos, em época em que o semelhante ocorria.

Não consigo ver Nolan usando muito – e talvez nem pouco – o protagonismo dos deuses, como personalidades autônomas e interventoras, seria muito anticlímax para os "consumidores" da "indústria", que aguardam um tipo diferente de heroísmo.

Quantidade de personagens

Para um livro ou série, muitos personagens podem não ser um problema, mas para um filme, que goza de menos tempo para se bastar, o excesso pode confundir. A Odisseia conta com muitos personagens de relevância, ao longo da jornada de Odisseu e, inclusive, no plano de fundo de sua jornada, em Ítaca, em especial, terra de Odisseu. Temos companheiros, deuses, esposa, filho, pretendentes, reis e suas famílias, profetas, servos e até animais com importância para a narrativa.

Nesse ponto o corte é quase certo. O que também é quase certo é que a adaptação de Nolan será uma boa obra cinematográfica, resta saber se, enquanto adaptação, de modo estrito, o será também. Espero que muitos se voltem ao poema épico, depois do sucesso do filme, coisa comum de acontecer, quando uma adaptação faz sucesso. A Odisseia é sempre proveitosa, prosseguimos mais sabedores quando passamos por ela e, por isso, deixo aqui as palavras derradeiras de Frederico Lourenço, em seu comentário à Odisseia:

"O que acontece a cada leitor da Odisseia quando chega

ao fim do poema é algo que, na verdade, as Sereias do Canto 12 anteviram (12.188): 'depois de se deleitar, prossegue caminho, mais sabedor'."

Mas e aí, in Nolan we trust?

Anderson C. Sandes — Pedagogo, poeta, cronista, ensaísta e autor de "Baseado em Fardos Reais", "Arte e Guerra Cultural: preparação para tempos de crise" e organizador da Antologia "Quando Tudo Transborda". Seus principais temas de estudo são: arte poética, história da literatura e estética.

andersonsandres.com.br



(31) 33748115 ou 98403-2524 (WhatsApp)

ENGANOSO

Aldair Ribeiro Santos

- Aquieta-te, ditador! – esbraveja.
 - Ditador és tú, que não me deixas fazer a minha vontade. Eu sei o que é melhor pra tí!
 - Quê?! Quer me dar ordens, seu enganoso?
 - Claro que sim. Sei tudo sobre você, sei todos os seus pontos fracos.
 - Sabe, mas tuas escolhas não são boas e não estão de acordo com a Palavra de Deus. Se tu fizeres a tua vontade sempre acabarás mal. Por isso és o "enganoso!"
 - Mas como fica a minha felicidade? A Bíblia diz que Deus satisfará aos MEUS desejos.
 - Sim, mas, antes, ela diz "agrada-te do Senhor", isto é, teus desejos devem ser os mesmos de Deus e não teus próprios.
 - Isso são apenas detalhes de ponto de vista, nada sério. Minha vontade é que vale!
 - Aquieta-te, enganoso. Põe-te no teu lugar!
- E a discussão do ser humano com seu próprio coração foi noite adentro, com possibilidade da briga continuar nos dias seguintes.

OLHOS DE FOME



**JÁ À VENDA NA
AMAZON**

um livro de
Michel Salomão

Um voo para bem além do nada

— Uma reflexão sobre a morte e sobre a esperança cristã —

Roberto Vargas Jr.

Shakespeare coloca bem o dilema nas palavras de Hamlet. Diz ele:

Ser ou não ser? Eis a questão. O que é mais nobre para a alma: o deixar-se morrer ou o lutar por sobreviver? Ah, morrer, dormir... Imaginar que um sono põe fim aos sofrimentos do coração e aos males infindáveis que constituem a herança da carne! Essa é uma solução desejável. Ah, morrer, dormir... Talvez até mesmo sonhar... Mas é justamente aí que está o ponto: o não sabermos que sonhos o sono da morte poderá nos trazer. Pois quem suportaria o mal do mundo se estivesse em suas mãos o poder de obter a paz eterna com um punhal?[1]

Quem quer que já tenha se debruçado a pensar na morte há de ter passado por este dilema. Por um lado, ela se apresenta como desejável. Uma solução e um alívio para os males que inevitavelmente enfrenta-

mos neste mundo. Por outro ela se apresenta como temível. Como sofrer suas dores? Que há de nos esperar do outro lado? Ah, o terrível temor do desconhecido!

Há decerto várias propostas de uma solução para tal dilema. Algumas talvez mais esperançosas, outras provavelmente desesperadoras. A maioria delas, eu diria. Pois não falta quem proponha um "carpe diem", um aproveitar intensamente o dia, comendo e bebendo, pois a vida é breve e ao fim dela o que resta é um voo para o nada. Há quem proponha outros finais, há quem proponha infinitos recomeços... mas, para o propósito que se segue, mantenhamos esta proposta secular em mente: o fim da vida é o nada.

Então, bem, e a nós, cristãos, qual proposta cabe fazer? A verdade é que qualquer que seja a tentativa em propormos algo, bem poderemos passar por este mesmíssimo dilema. Pois a morte para o cristão é desejável. E, embora o desconhecido tenha sido revelado e seja manifesto, ainda permanece algo de temível. Mas como tudo no Cristianismo, o significado do desejo e do temor diverge do que há na proposta secular.

Antes de tudo, a morte, para o cristão, não possui uma conotação assim tão negativa. Ao contrário, a esperança inclusa nesta conotação subverte a própria maneira de se falar dela. Tal como num estranho conselho que eu li certa vez: "Esteja muitas vezes ao lado dos leitos de morte". Num primeiro momento, isso soa macabro. Soa mesmo deveras deprimente. Mas não por quem deu o conselho. Não por quem passou pelo mesmo que o conselheiro. Este que assim fala é Spurgeon, e assim ele explica a razão para tão improvável recomendação: os leitos de morte...

São livros iluminados. Ali você lerá a poesia autêntica da nossa religião e aprenderá os seus segredos. Que gemas esplêndidas são levadas à praia pelas ondas do Jordão! Que lindas flores crescem em suas ribanceiras! Os mananciais sempiternos do país da glória lançam para o alto os seus jatos, e as gotas de orvalho gotejam deste lado da estreita corrente! Tenho ouvido humildes homens e mulheres na hora da sua partida falarem como inspirados, proferindo estranhas palavras, resplandecentes de superna glória. Não as aprenderam dos lábios de ninguém

debaixo da lua; só podem tê-las ouvido quando estavam sentados nos subúrbios da Nova Jerusalém. Deus sussurra em seus ouvidos em meio às suas dores e fraquezas, e depois eles nos contam um pouco do que o Espírito lhes revelou. Largarei todos os meus livros, se puder ver os Elías do Senhor subirem em seus carros de fogo.[2]

A vida cristã é mesmo tão cheia de paradoxos! Pois é esta mesma esperança pelo porvir que faz o cristão desejar tão ardentemente tanto a morte quanto a vida. A morte é desejável não para acabar com tudo, não como num voo para o nada, mas é desejável para que tudo continue. Não como era, mas em uma transformada, glorificada plenitude. O desejo pela morte se revela um desejo pela vida, um desejo por ser. Como no mártir de Chesterton, que ele contrasta com o suicida:

O suicídio não só constitui um pecado, ele é o pecado. É o mal extremo e absoluto; a recusa de fazer um juramento de lealdade à vida. O homem que mata um homem, mata um homem. O homem que se mata, mata todos os homens; no que lhe diz respeito, ele elimina o mundo. (...)

Obviamente um suicida é o oposto de um mártir. Um mártir é um homem que se preocupa tanto com alguma coisa fora dele que se esquece de sua vida pessoal. Um suicida é um homem que se preocupa tão pouco com tudo o que está fora dele que ele quer ver o fim de tudo. Um quer que alguma coisa comece, o outro, que tudo acabe.

Em outras palavras, o mártir é nobre, exatamente porque (embora renuncie ao mundo ou execre toda a humanidade) ele confessa esse supremo laço com a vida; coloca o coração fora de si mesmo: morre para que alguma coisa viva. O suicida é ignóbil porque não tem esse vínculo com a existência: ele é meramente um destruidor. Espiritualmente, ele destrói o universo. E depois me lembrei da estaca e da encruzilhada[3], e o estranho fato de que o cristianismo mostrara esse rigor incomum para com o suicida. Pois o cristianismo mostrara um ardente incentivo ao martírio.[4]

Com tal esperança e com tal desejo, que tipo de temor há de ter o cristão em relação à morte?

Não, o cristão não romanceia assim a morte, como se não houvesse temor algum. Ela é expressa consequência do pecado ("mas não coma da árvore

do conhecimento do bem e do mal, porque no dia em que dela comer, certamente você morrerá", Gn 2.17, NVI) e carrega em si todo o peso e a lembrança da queda. Desde um natural instinto de sobrevivência até ao medo das dores e enfermidades de quem parte e ao sofrimento dos amados que permanecem, todo o evento da morte está cheio de tristezas.

Uma belíssima passagem da mitologia de Tolkien reflete essas tristezas de forma poética. Eu lamento não poder expressar por mim mesmo aqui toda a poesia que encontro na citação que seguirá. Quem tem alguma intimidade com a obra de Tolkien poderá me compreender com alguma exatidão. Mesmo assim, considero que a citação vale a pena. A passagem revela a avaliação de uma outra raça, os elfos imortais da mitologia, em relação aos homens mortais. Quando Aragorn, um homem, devolve a dádiva de sua longa vida a Eru Ilúvatar, sua bela rainha élfica, Arwen Undómiel, "provou o gosto amargo da mortalidade que assumira para si"[5]. Aragorn então lhe diz:

Senhora Undómiel, a hora é realmente difícil, mas ela foi feita no mesmo dia em que nos encontramos sob

as bétulas brancas no jardim de Elrond, por onde agora ninguém caminha. E sobre a colina de Cerin Amroth, quando rejeitamos tanto a Sombra como o Crepúsculo, foi este o destino que aceitamos. (...)

Não lhe direi palavras de consolo, pois não há consolo para uma dor assim nos círculos do mundo. A escolha suprema se coloca diante de você: arrepender-se e ir para os Portos, levando para o oeste a lembrança dos dias que passamos juntos, que lá serão sempre verdes, embora não passem de uma lembrança, ou então conformar-se com o Destino dos homens".

Não, querido senhor — disse ela. — Essa escolha há muito não existe mais. Agora não há um navio que pudesse me levar para lá, e devo de fato me conformar com o Destino dos homens, quer queira quer não: a perda e o silêncio. Mas digo-lhe, Rei dos Númeronianos, só agora entendo a história de seu povo e de sua queda. Desprezei-os como tolos miseráveis, mas por fim sinto pena deles. Pois, se realmente esta for, como dizem os eldar, a dádiva do Um concedida aos homens, é uma dádiva amarga de receber.

Assim parece — disse ele — Mas não nos deixemos

derrotar no último teste, nós que há muito tempo renunciamos à Sombra e ao Anel. Devemos partir com tristeza, mas não com desespero. Veja! Não estamos para sempre presos aos círculos do mundo, e além deles há muito mais que lembrança. Adeus!

A tristeza de Arwen durou o restante de sua vida mortal, "a luz de seus olhos se apagara, e seu povo teve a impressão de que ela se tornara fria e cinzenta como o cair de uma noite de inverno, que chega sem uma estrela"[6].

Sim, o cristão compreende e passa por toda essa tristeza. Uma grande tristeza. Mas não maior que sua esperança. Embora a morte da mitologia seja uma dádiva e a morte real seja a consequência e um castigo pela desobediência da queda, fica clara no termo "dádiva" a esperança cristã do católico Tolkien no porvir. A dádiva mitológica de não estar preso aos círculos do mundo e esperar por algo mais que a lembrança é a mesma dádiva que o outro lado do Jordão nos reserva: ser!

O significado do desejo e do temor cristãos diverge do que há na proposta secular, eu disse. De que forma? O pensador secular seguirá Hamlet e se

chamará covarde por temer a morte e refrear seu desejo por ela. E mesmo quando seu anseio vence o temor não lhe resta esperança em seu voo para o nada[7]. O cristão também refreará seu desejo pela morte. Mas não por um temor maior que seu instinto por sobrevivência, e sim por sua ânsia, ainda maior que seu desejo pela morte, em servir ao seu Senhor enquanto Ele o mantiver neste mundo. Seu desejo pela morte é ao mesmo tempo um desejo pela vida! Porém, se tiver que passar por ela, contra seus instintos e em Seu nome, sua esperança o fará cantar: "para mim o viver é Cristo e o morrer é lucro" (Fp 1.21, NVI). Alçará seu último voo neste século. Aquele voo para bem além do nada, ao encontro do Ser que lhe prometeu ser em bem-aventurança eterna!

Para eterna honra e glória dEle somente! Amém!

Notas:

[1] Esta é uma paráfrase minha, bem resumida, do monólogo de Hamlet (Ato III, Cena I de A trágica história de Hamlet, Príncipe de Dinamarca, de William Shakespeare), com o objetivo de enfatizar o dilema que se propõe. Procure pela obra completa.

[2] SPURGEON, C.H. Lições aos meus alunos, volume 2. São Paulo: PES, 1982.

[3] "Estaca x encruzilhada", "martírio x suicídio". Ao mencionar a encruzilhada, Chesterton se refere a um antigo costume cristão em que o suicida não poderia ser enterrado no cemitério. A estaca é referência ao instrumento usado para o martírio.

[4] CHESTERTON, G.K. Ortodoxia. São Paulo: Mundo Cristão, 2008.

[5] Na mitologia de Tolkien, os elfos são imortais. Não que não morram, mas que quando morrem, não saem dos círculos do mundo, e descansam em uma espécie de "salão dos mortos". Já os homens são mortais e a morte é considerada uma dádiva dada aos homens por Ilúvatar (Deus). Arwen renuncia à sua imortalidade em favor do seu amor por Aragorn.

[6] TOLKIEN, J.R.R. O Senhor dos Anéis: o retorno do Rei. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

[7] Retomo e encerro aqui a proposta a manter em mente neste artigo: "o fim da vida é o nada". Não nego que o que se faz aqui é uma generalização bastante simplista "com-Deus x sem-Deus", ou "cristianismo x não-cristianismo". Não se fará justiça à história do pensamento humano. Mas não é minha intenção discutir ou comparar pensamento por pensamento em relação ao Cristianismo em espaço tão curto. Entretanto, cabe ressaltar que a resposta ortodoxa cristã não considera um nada como o que virá após a morte, o foco e o contraste feito aqui. A ortodoxia cristã considera uma eternidade de bem-aventurança contra um tormento eterno, o que é ainda bem pior que o nada. E, enfim, qualquer seja a resposta não-cristã, este tormento é o que de fato lhe espera.

Roberto Vargas Jr. é brasileiro nômade, cristão reformado, casado e pai de três pródigos, não-escritor que escreve, pecador sob abundante graça. Autor do livro "RVJ, reminiscências de um blog". Escreve em <https://link.medium.com/GtnaWNh8yX>



A GUERRA DO FERRO FUNDIDO

Jorge F. Isah

Ouço falar de guerras e rumores de guerras, mas não existe um inimigo comum mais odiado e combatido do que a balança. Sim, a famigerada, opressiva e preconceituosa báscula, a desagradar gregos e troianos. Pode ser digital ou analógica, tanto faz. Ninguém se importa, desde que ela corresponda aos anseios mais íntimos e os desejos mais secretos. Aflige homens, mulheres e crianças com a mesma precisão e sem distinção. Se existe algo realmente democrático neste mundo é ela. Não se preocupa com etnia, cor, altura, se rico ou pobre, bonito ou feio. A ela basta apenas o peso, um peso, digamos, nada simbólico.

Quem nunca se assustou ao se deparar com esse objeto delator e mistifório após uma lauta feijoadada ou tropeiro? Quem nunca trocou o lado da calçada ao vislumbrá-la depois de um rodízio de pizzas ou aquela lasanha? E o que dizer daquele gordinho, ou gordinha, correndo em seu encalço, aos tropeços, após algumas horas de dieta?

Quer queira, quer não queira, a balança é símbolo maior de uma geração empanturrada ou vazia, que não mede esforços para se esvaziar ou encher, a depender da revelação fria e calculista dos dígitos ou ponteiros.

Mais uma vez, me vi diante dela, em uma saga interminável onde, na maior parte do tempo, ela me derrotou inapelável e vergonhosamente. Não foi, porém, o caso a seguir.

Esta semana recebemos a visita de um sobrinho e sua esposa. Eu e minha mulher os levamos a passeio em Santos. Como a minha mulher é apaixonada pelo Monte Serrat, uma viagem pictórica em um bondinho morro acima, onde se instalou, no início do século passado, um cassino, tivemos de leva-los. Após percorrermos o lugar e de apreciar a vista do estuário do Porto, o centro histórico e quase toda a cidade do mirante, decidimos

voltar. Na antessala do ponto de embarque havia uma balança, das antigas, em ferro fundido, inquebrável e quase inamovível. Rapidamente, subi e o ponteiro fixou-se no número 102. Estranhei, porque, pela manhã, havia pesado e era pouco provável perder 2 kg durante aquele dia. O sobrinho subiu, e os originais 110 haviam caído para 105.

As mulheres se animaram.

— Agora é a nossa vez!... Anda, sai logo! — disse a sobrinha postiça.

— Calma! Ela não vai fugir! — o marido respondeu. E foi logo puxado na marra.

O ponteiro oscilou, oscilou e cravou-se no 90. Ouviu-se um grito desesperador.

— O que foi?! — perguntei.

— Como é possível?! Não engordei isso tudo! — ela quase deixou escapar algumas lágrimas de desespero.

Então, a minha esposa subiu. E lá estava o número 90, também.

— Meu Deus! — e foi logo descendo. Como se estivesse diante de algo diabólico.

— Essa coisa está estragada! — as duas falaram ao mesmo tempo, numa coincidência quase ensaiada.

Começamos a rir, eu e o sobrinho.

– Do que vocês estão rindo?!

Subimos novamente na plataforma e repetimos a medição. Eu com os mesmos 102 e ele com os mesmos 105. Foi a vez delas. Nada mudou em relação aos 90.

– É um complô! – a esposa do sobrinho denunciou.

– Ela não gosta de mulheres... – eu disse, entre risos.

– Não vai com a minha cara, é?! – minha esposa encarou-a, enquanto a balança permanecia alheia ao zunzunzum.

– Nunca mais volto neste lugar! – a outra pronunciou, diante dos olhares atônitos das visitas.

Não nos restou mais nada, a mim e ao sobrinho, além de rir. Até que ele recebeu uns tapas no ombro pela mulher, e achamos por bem, para o nosso bem, diga-se de passagem, cessar a provocação.

Morro abaixo, o silêncio era constrangedor. Aquela relíquia de sustos e alívios teria os dias contados, se as mulheres pudessem se vingar.

VAI MUDAR

LANÇAMENTO



Inteligência artificial, tempo herdado e trabalho

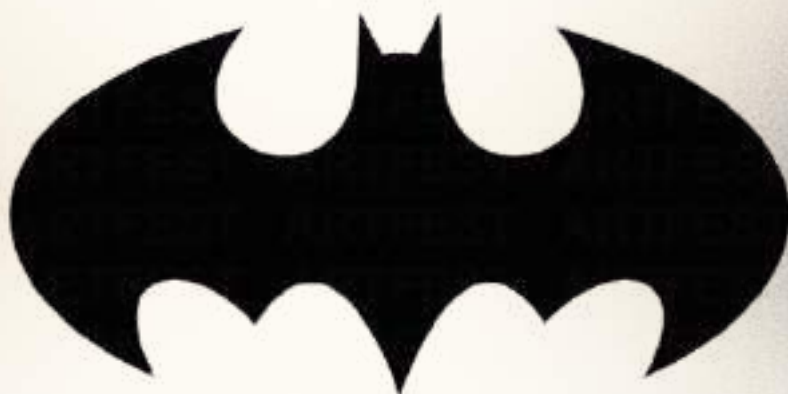
breve ensaio sobre uma angústia

Luiz Guilherme Libório Alves da Silva

À venda na amazon

ENCONTRO COM O MORCEGO

Aldair Ribeiro Santos



Outro dia encontrei o Batman no elevador. Isso mesmo, verdade verdadeira, o Batman! Um dos meus heróis da infância. Mas não era o Batman dos filmes novos, todo galã e tecnológico. Era o Batman antigo, aquele, sabe, dos sons desenhados "crash!", "pow!", "thunk!", "splathh!!", aquele da série antiga, era o... acho que era o Adam West que interpretava.

– Batman?!

– Salve, amigo. Bom dia.

– Por que está pegando o elevador? Você não sobe pelas paredes com uma corda?

– Não faço mais isso. Já tô idoso e já não tenho tanta força. As dores nas costas me matam. Aluguei um apê no décimo primeiro andar. Era o mais barato.

– E o Batmóvel? Você ainda tem? Eu adorava o Batmóvel. Aquele que saía fogo, sabe.

– Tive que vender para um fã colecionador. As dívidas da Batcaverna estava para vencer, então... No fim, terminei alugando a Batcaverna para um fã clube.

– Mas você não é o milionário Bruce Wayne?

– Era! Perdi tudo numa queda da bolsa de valores. Vendi ou penhorei quase tudo. Tô liso. Mas ainda tenho o uniforme e o cinto de utilidades.

– Eu gostava daquelas onomatopeias da série da TV: "capowww!!", "tunckkk!!", "Whaphhh!!". Cara, como você lê o som dos "www", "kkkk", "hhhh" e o "!!!!!!", repetidos várias vezes?

– Não sei, quando a gente filmava não saía som nenhum! – risos.

– E o combate ao crime? Você ainda caça criminosos? Colabora com a polícia?

– Sim, sim. Ligo pro 190 e comunico pra polícia. De vez em quando faço umas investigações na Net. Se for complicado demais, peço ajuda a um nerd hacker que mora no mesmo andar que eu. Ele é meu fã e tem uma coleção de bonequinhos de heróis.

– E o Alfred?

– Virou escritor. Escreveu "Minhas memórias com um morcego". Até que está vendendo bem. Ele está se virando. Me disse também que está escrevendo um livro de auto ajuda: "7 hábitos do morcego para ter sucesso".

– E cadê o Robin? Que fim levou?

– Robin ficou adulto, casou com a Mulher Gato, cursou Direito e é um respeitável advogado em Gotham City. De vez em quando a gente se fala no WhatsApp. Bom rapaz...

– Seu Batman, preciso lhe fazer uma pergunta intrigante. Desculpe a indelicadeza, mas preciso perguntar. Por que o senhor usa a cueca por cima da calça?

– Também nunca entendi isso. Até o Superman usa assim. É um mistério dos nossos criadores. Mas não tem muita complicação, só um inconveniente.

– Qual?

– Ir ao banheiro fazer o número 2. – risos.

O Batman não era mais o mesmo.

Bermudas batom

Natan de Oliveira

...

A aula iniciava com uma corrida leve por alguns minutos.

Depois íamos desgovernadamente na sala do Professor Lopes e cada um de nós pegava um par de halteres de madeira.

Rapidamente eu decorei a sequência de uns 14 exercícios que fazíamos.

Ele percebeu isso e me colocou como aluno guia.

A turma ficava em semicírculo, eu na frente no meio e na minha frente o Professor Lopes.

Ele então dava o comando em voz de Sargento...:

"Aluno Guia... POOSIÇÃOOO!!!"

Eu demonstrava o exercício da sequência e depois toda a turma imitava, com as madeiras dos halteres batendo com força.

E ele comandando "1... 2... 3... 1... 1... 2... 3... 2... 1..."

...

Nossa turma de Mecânica só tinha homens.

Éramos todos tarados.

Um certo dia por conflito de horários, 3 moças veteranas do Curso de Metalurgia vieram fazer aula conosco.

Ficamos todos atentos.

Ele prudente, as colocou correndo atrás de todos nós.

Mas os pescoços viravam sem parar.

Elas usavam aquelas bermudas pretas coladas no corpo que mostravam que eram lindas.

E nós "secávamos" as moças com o olhar de raio X imaginativo, todos já pensando no exercício 11 ou 12 da série.

Um colega nosso chamava aquelas bermudas colantes de bermudas batom.

Eu, tanso, perguntei por quê?

Ele rindo tarado disse que era porque realçavam os lábios...

Nós, na roda da conversa, tarados, ríamos.

...

Então o aguardado exercício 11 ou 12 chegou.

Era um exercício onde sentados no chão, a posição inicial era de pernas abertas.

E na sequência nos inclinávamos em abdominal intercalado, primeiro em direção ao pé esquerdo e depois em direção ao pé direito.

E todos babando já na expectativa de ver os tais lábios realçados pela costura central da bermuda colante.

"Aluno Guia... POOSIÇÃOOO!!!"

Demonstrei o exercício e imediatamente virei o rosto para ver as meninas que aguardavam o comando do Professor Sargento.

Ele então para surpresa de todos disse:

"Senhoritas, virem de frente para os fundos do ginásio."

E assim foi um balde de água fria em todos.

E ele mesmo deu uns 4 ou 5 passos à frente, pois assim nem nós conseguíamos ver as meninas de pernas abertas, nem ele professor que se posicionou de tal forma que elas ficaram para trás dele e ele mesmo não podia ver".

Com aquele pequeno gesto ele nos deu uma aula de Ética, que nem mesmo depois em horas e horas na disciplina de Ética na Faculdade de Direito conse-

guíram ensinar.

Assim era aquele Mestre.

Professor Lopes.

Nos ganhava o coração com justiça, elegância, ética e o seu modo de ser.

E as meninas de Metalurgia gostaram tanto que ficaram conosco até o final do ano na nossa turma só de adolescentes tarados.

...

Muitos anos se passaram e contra minha vontade, minha esposa me arrastou para uma academia na esperança de me ver magro.

Não deu muito certo.

Percebi que era um local de muitas bermudas batom e que eu, embora velho, ainda tinha impulsos de adolescente tarado.

Pelo bem da minha vida espiritual e pela retidão dos meus pensamentos, parei de ir logo logo, dando outra desculpa para a minha amada.

E continuei gordo, mas sem pensamentos impuros.

Natan de Oliveira é um escriba cristão, casado, pai de dois filhos, cuidador de dois cães cocker spaniel, mora em Joinville/SC e tem como hobby brincar no seu Fusca amarelo colonial 1971.
natandeoliveira@yahoo.com.br



Lançamento:



"NA EIRA DE ORNÃ"



Conto de Natal

José Geraldo Hera

Todo início de dezembro era a mesma coisa. Eu e meus irmãos começávamos a contagem regressiva para o Dia de Natal. Tudo mudava, a movimentação nas ruas à procura de presentes, os camelôs e suas árvores de pisca-pisca, papéis de presentes, brinquedos espalhados pelas calçadas esperando compradores, gente esbarrando em gente, embrulhos pequenos para sonhos grandes e embrulhos grandes para quem nem precisava sonhar. É a vida ...

Todos os anos minha família se reunia na noite de Natal para o jantar. Era o dia que melhor comíamos. Havia fartura, muita variedade, queijos, doces, peru, farofa, vinhos e refrigerantes, é claro. Eu ficava olhando a agitação de minhas irmãs no preparo dessa ceia. Ficavam nervosas com gente menor – nos empurravam e socavam no sofá.

– Não saía daí! – eu esperava, olhando para os presentes que aguardavam num canto da sala, próximo a uma arvorezinha e seus pisca-piscas. Sabíamos que eram brinquedos simples. Papai não dispunha de dinhei-

ro para presentear dez filhos.

A ceia era servida impreterivelmente à meia-noite; eram 22:30h, quase madrugada para nós crianças. Minha irmãzinha não aguentou esperar, dormiu na cama de minha mãe. Morri de inveja, mas tinha que esperar, tinha que ser forte e ficar entre os adultos, ainda que, de vez em quando, vinha minha irmã e me socava no sofá novamente.

Quando fui para o sofá pela terceira vez, chorei bastante. O conforto daquele lugar, o choro e o sono me fizeram dormir rapidamente. Acordei no dia 25 com meu presentinho ao lado do travesseiro. Havia perdido a festa de Natal. Perdi um ano inteiro de espera. Fiquei decepcionado.

– Feliz Natal! – alguém gritou.

Eu não tive um Natal feliz, para mim, Natal era naquela noite, e, assim eu não tive Natal. Foi um ano que não acabou – e nunca mais me esqueci disso .

Feliz Natal e Ano Novo para todos os leitores da revista Bulunga!

Geraldo Hera, escritor, professor de inglês e português, poeta e letrista.

jherarezende@gmail.com



SPOILERS

JAY KELLY

O FILME MAIS CHATO DO ANO



Pense num filme ruim. Ponha mais um pouco de ruim nisso. Mais um pouco. Deixe de ser miserável: coloque mais. Pronto! Esse é o novo filme de George Clooney e Adam Sandler que está sendo exibido na Netflix. Jay Kelly. Pura fezes. O que mais me espanta é que tem gente dizendo que irá concorrer ao Oscar, com grande chance de um dos dois ganhar algum prêmio.

George Clooney, ou melhor, Jay Kelly, é um astro de hollywood, e é adorado pelo público e pela equipe de filmagem, mas suas duas filhas não estão nem tchum para ele. E ele fica muito frustrado com isso, porque sempre foi um pai ausente, apaixonado pelo trabalho e pela riqueza que lhe proporcionou, mas aí rola um baixo astral quando encontra um ex-colega de teatro e os dois vão tomar uns drinques juntos. Em determinado momento, o cara confessa que o odeia, porque alega que ele teria roubado o seu papel em um filme, que o lançaria ao estrelato, mas foi o outro acabou se dando bem, enquanto o ex-colega ficou com uma vidinha mixuruca.



Os dois saem na pancada e o invejoso acaba tendo o nariz quebrado, entrando com um processo contra ele.

O George/Jay resolve ir atrás da filha que embarca em um trem para a Europa e sua equipe vai toda atrás, tentando garantir para o astro do cinema um mínimo de conforto, mas lá ele tem a oportunidade de conviver com pessoas comuns e até acaba virando herói, quando consegue capturar um bandido.

Mas o baixo astral continua e ele pensa em abandonar a carreira. Mas aí é que entra o seu agente, o Adam Sandler, que mais uma vez faz o papel de boboca e bonzinho, só que dessa vez ele exagera: é apaixonado (no bom sentido) pelo Jay, e daria sua vida por ele, mas ao final descobre que aquela amizade não é recíproca. Eles estavam indo para a Itália, para o Jay receber um prêmio pelo conjunto de seu trabalho, sua equipe o abandona e ao final o agente bonzinho pede demissão.

Nos últimos instantes do filme, Jay implora para que o agente o acompanhe para receber o prêmio, o telão mostra vários trabalhos do astro e ambos choram que nem meninas apaixonadas. Coisa mais fofa!

O COCHO, A MANJEDOURA

Luiz Libório Alves da Silva



Quando queremos engrandecer os nossos atos, mudamos a linguagem pela qual contamos a nossa história. É assim que batalhas se tornam arte, é assim que a infância se converte em um lugar de nobreza.

Acontece que também é pela linguagem que nós atenuamos os nossos atos. É assim que a palavra mortos se transforma na palavra baixas, por exemplo, em uma guerra. A palavra é a roupa com a qual vestimos a realidade para que ela caiba, sem apertar, na nossa consciência.

Este texto, porém, é sobre uma reforma linguística, por assim dizer, específica. Presente em todos os nossos dezembros, ela ocorre ali, bem no centro do presépio.

Olhemos para o objeto físico. Trata-se de uma caixa de madeira rústica, gasta pelos dentes dos animais, impregnada do cheiro azedo de saliva e restos de comida fermentada. É um objeto de utilidade bruta, suja, rural. O nome disso é cocho. É no cocho que o bicho come.

Então, recorremos à linguagem. Pegamos o cocho e o rebatizamos de manjedoura.

A palavra manjedoura, que é bonita, parece menos um objeto e mais um conceito. Ela foi lavada, desinfetada e dourada pela liturgia. Ela não tem cheiro de curral, tem cheiro de incenso, talvez do mesmo incenso que lhe seria trazido (não no dia do nascimento, mas algum tempo depois) pelos magos, cuja quantidade a Bíblia nem sequer especifica, mas nos acostumamos a chamar de três.

Na manjedoura, a palha não pinica as costas do bebê e não há moscas rondando o leite. A manjedoura higieniza a pobreza divina para que ela se torne palatá-

vel nas nossas salas de estar enfeitadas.

Ao trocar a palavra, tentamos salvar a dignidade de Deus, sem perceber que a intenção era justamente abrir mão dela. "Não havia lugar para eles na hospedaria", diz o versículo 7 do capítulo 2 de Lucas, assim como não houve lugar para Deus neste mundo.

A ironia reside no fato de que, ao elevarmos a linguagem, perdemos a potência da mensagem. A manjedoura é o lugar onde esperamos encontrar um rei, o cocho é o lugar onde jamais esperaríamos encontrar o sagrado. E foi exatamente lá que o sagrado escolheu estar.

Enquanto polimos a palavra manjedoura para que ela brilhe nos nossos textos de Natal, esquecemos que o milagre não foi o berço ter se tornado nobre. O milagre foi o infinito ter cabido, voluntariamente, dentro de um cocho, pois não havia lugar para ele em outro lugar.

**A REVISTA BULUNGA
VAI MUDAR**

XXXXXXXXXXXXXXXXXX

Jorge F. Isah

Li o primeiro romance de Bowles, até então o único, há um punhado de anos. Não me lembro ao certo, mas foi por volta de 1990: "O Céu que nos espera", publicado pela editora Rocco. Tenho a segunda edição, que conservo, sem a ter tocado a não ser para trocar de lugar e tirar-lhe o pó.

Nunca ouvira falar de Paul Bowles até ver o filme de Bertolucci, com John Malkovich e Debra Winger, de 1990. Na ficha técnica estava lá: baseado no romance de Paul Bowles. Então, fui à caça para ver se encontrava o livro, já que adorei o filme. Achei-o na Livraria Acaiaca, em BH. Infelizmente, o tempo acaba por apagar as coisas menos significativas e, além do conturbado relacionamento do casal de protagonistas, das belas imagens do deserto e um clima claustrofóbico, pouca coisa me restou, tanto do livro como do filme.

Recentemente, em um bazar de igreja, onde havia dezenas de livros que ninguém se interessava em ver, encontrei um exemplar de "Que venha a tempestade". No geral, o estado dele era bom, mas como eu poderia escolher qualquer item por uma ninharia, algo em torno de R\$ 2,00 cada (havia baixado de 10 para 5, depois para 4 e, por fim, 2). Ao final do bazar estavam doando para quem quisesse levar, já que ocupavam espaço e ninguém, além de mim e um dono de banca de revistas próximo, se interessava.

Em idas e vindas, consegui alguns exemplares, inclusive dois itens relativamente raros e que iriam parar no lixo ou seriam vendidos no quilo. Esse é o motivo de eu não acreditar que este país tenha jeito. As pessoas saem feito loucas atrás de um jeans ou moletom usados, enquanto os livros são empilhados como se fossem entulho, sem qualquer cuidado. Vi exemplares com mofo, úmidos, rasgados, capas soltas, tudo porque o pessoal simplesmente os jogaram num canto, sem lhes dar qualquer atenção, enquanto alisavam roupas e lustravam bijuterias.

Bem, voltemos ao objeto deste texto. Logo no início,

aquele ar de vazio, de niilismo a perpassar a narrativa, me incomodou. Não quanto à história, à futilidade dos personagens, mas, se em 1949 (data da publicação), o mundo já se encontrava contaminado com o sem-sentido, a descrença e o relativismo, onde valores tradicionais e a verdade eram sistematicamente desprezados, negando o absoluto, moral e ética, o que dirá hoje, neste contexto esfacelado?

Veja o trecho:

"Havia anos que ele seguia sem ser notado, sem notar a si mesmo, acompanhando os dias mecanicamente, exagerando no cansaço e no tédio do dia para que lhe desse sono à noite, e usando o sono para fornecer energia para encarar o dia seguinte. Não era costume se dar ao trabalho de dizer a si mesmo: 'Não há nada além disso; o que faz valer a pena continuar?', porque sentia que não tinha como responder à pergunta. Mas no momento parecia-lhe que havia encontrado uma resposta simples: a satisfação de ser capaz de viver o dia."(pg. 180)

O fragmento simboliza bem todo o argumento do livro: mecanicismo, automatismo e nenhuma transcendência ou metafísica. O homem está "preso" no próprio destino

– cabe a ele apenas resistir e viver um dia de cada vez. Em princípio, a resistência e o viver dia a dia não têm nada de errado – em alguns aspectos pode ser saudável não se preocupar em demasia com o futuro e não se entregar à procrastinação e o desânimo. Porém, a ideia aqui é: "faça o que fizer, pense o que pensar, aja como agir, nada disso tem significado e a sua vida nenhum propósito". Ainda que o autor esteja em busca de uma resposta, e falha em encontrá-la (porque não está onde procura), ao não ver solução, entrega-se à lógica do vazio. Por trás da aparência de reflexão profunda está um reducionismo e superficialismo constrangedores.

Logo, o niilismo de Bowles o leva ao fatalismo e vice-versa, pois onde não há sentido, quando o tem, torna-se irrelevante; e onde não existe valor e apenas vazio, o conformismo e o "dane-se!" não permitem mudanças, ou quando acontecem são meros impulsos, fruto da irracionalidade.

Dostoiévski sabia muito bem sobre os danos e o legado que o niilismo deixaria na Rússia. Em "O Idiota" e "Os Demônios", ele os combate com a sabedoria e o olhar "profético" sobre a construção de um mundo em ruínas

– pois a negação da ordem moral e espiritual somente levaria o homem ao primitivismo bárbaro e cruel. O niilismo é, sem sombra de dúvidas, o terreno filosófico propício para toda a derrocada ocidental, do multiculturalismo ao pós-modernismo, do relativismo às ideologias estatizantes. Neste aspecto, tudo se traveste de condicional, enquanto os "dogmas" são absolutos e efetivos. Por exemplo, a liberdade deixou de ser um conceito absoluto para se tornar em "liberdade relativa". Assim é a moral, a ética, o conhecimento, etc. Por isso, tudo virou "narrativa", seja de esquerda ou direita, sem qualquer objetividade, permeada unicamente por delírios coletivos e insanidade individual.

Dizer que Dyar, o protagonista de "Que venha a tempestade" (no original "Let it come down", trecho de Macbeth, de Shakespeare, dito pelos algozes de Banquo), é um homem vazio, mediano, que chegou a Tânger e empreendeu uma queda brusca na direção da imoralidade, antiética e se tornou incapaz de conviver com os efeitos das suas escolhas – esse poderia ser o resumo. Entretanto, a cada passo em direção ao abismo, e convivendo com pessoas artificiais e fúteis, a

paranoia, o delírio e a irrealidade o levam a resultados ainda mais catastróficos.

Na busca de alívio ou "sentido", embriaga-se, começa a usar o Kif (mistura de tabaco com maconha e haxixe, muito comum na cultura marroquina e no norte da África), e cada vez mais se vê aprisionado na teia a afastá-lo do real e levá-lo ao êxtase sistêmico, onde a euforia, o artificialismo se moldam ao ponto da histeria.

O livro tem várias outras camadas e discussões, como a aversão completa dos muçulmanos aos cristãos, os conflitos culturais, ocultismo, e, no terço último, uma narrativa lisérgica, com um final tenso, perturbador e claustrofóbico.

"Que venha a tempestade" é a derrocada do homem moderno, a descida ao abismo sem fim; e de nada adianta o sol brilhar no céu azul... os olhos não podem ver e, na verdade, não querem ver, habituados à escuridão.

Título: Que venha a tempestade

Autor: Paul Bowles

Editora: Alfaguara

Páginas: 305

Novo Livro de Sammis Reachers



Disponível na Amazon

Feito homem — a jornada de uma mulher ao universo masculino

Fábio Ribas



"Norah Vincent queria saber como realmente é a vida dos homens. Muitas mulheres estão convencidas de que os homens sempre viveram melhor, em todos os sentidos. Para descobrir por si mesma se isto era verdade, e tentar detectar onde falha a percepção comum, ela fez o seguinte: por dezoito meses se disfarçou de homem. Durante este período, Norah vivenciou uma verdadeira experiência antropológica, relatando o que observou incógnita.

Com a ajuda de um artista da maquiagem, de um trainer e de um especialista em impostação vocal, ela se infiltrou em espaços e situações que as mulheres nunca viram. Por mais de um ano e meio, aventurou-se no mundo como seu alter ego. Ned, com uma barba sempre por fazer, com o cabelo cortado escovinha, com óculos de aros metálicos e com sapatos do próprio número de Norah, 42 – um disfarce perfeito que permitiu observar e participar do mundo dos homens como se fosse um deles”.

Essa é a experiência de viver um outro gênero. Uma experiência que durou 1 ano e meio e trouxe tanto revelações à autora, lésbica, como também uma depressão da qual ela não conseguiu se livrar até que realizou um suicídio assistido.

Sete anos antes de publicar esse livro, houve a primeira experiência de troca de identidade, mas essa curta experiência não foi adiante. Fora algo bem informal e despretensioso. Contudo, foi o suficiente para a autora querer ampliar o que viveu ali numa única noite.

Desde criança, ela se vestia de homem e tinha atração por brinquedos e brincadeiras masculinas. Aqui, ela faz

a pergunta. Por que essa tendência ainda mal saída das fraldas? Ela diz que as respostas possíveis são muitas, mas ela descreve uma experiência da mãe que era atriz e ela ia sempre assistir a esses papéis em que a mãe se fazia de mulher e de homem... Fico pensando que, como logo se vê no ato falho da autora, há perguntas que fazemos e que nós mesmos respondemos. Sabemos as respostas, embora, na verdade, o que queremos é fugir delas.

Terminei o primeiro capítulo e, como leitor, já me vi sofrendo por ela. Como ela mesma diz no livro, não é um livro sobre uma transexual. Ela não teve prazer e nem alívio algum nesse papel. Quando a experiência terminou, foi mesmo um fardo que lhe saiu dos ombros. Porém, o que mais me impactou, foi que houve um sofrimento emocional, pois ela precisou enganar pessoas e ela diz que isso foi o mais complicado e que vieram daí os danos a ela, danos à saúde mental. Danos que ela entendeu como punição por ter se intrometido no mundo masculino – e essa ideia de "punição" irá acompanhá-la durante o livro até se aflorar claramente no capítulo do mosteiro.

Ao encerrar a leitura do primeiro capítulo, estava com

uma vontade enorme de consolá-la, pois ela conseguiu mostrar bem tudo o que ela sofreu naquela experiência, que, agora, conseguia narrar naquelas páginas. Eu me vi totalmente envolvido com a história de Norah. Impressionante como ela escreve de uma maneira muito envolvente. Eu sabia que, por ser homem, a leitura dessa história seria muito instigante para mim. Eu não esperava que ela, a autora, fizesse o que fez no fim do capítulo, mas não darei spoiler.

No capítulo intitulado "amizade", ela nos mostra como foi o primeiro desafio dela se passando por Ned. Ela escreve como mulher. Como ela mesma disse, ela não é uma "trans". Ela é lésbica. Ela é uma mulher e a feminilidade dela está ali bem perceptível em cada reflexão, em cada momento em que se depara com um homem e precisa se comportar também como um diante do outro. A abertura dela para aqueles homens, não duvido, só foi possível porque ela é mulher. E isso a pegou de surpresa também. Tudo muito interessante para o leitor que resolve se abrir para ouvir a autora. Paramos para pensar no que é "o ser homem" e "o ser mulher". Aquelas homens nos jogos de boliche e a busca por sair da pressão diária, fugir daquilo que todos espe-

ram e cobram deles, então, exatamente por isso, aquela cumplicidade naqueles encontros, uma amizade nutrida e sem censura entre eles. E ela os absorveu muitíssimo bem, desde o aperto de mão até o ser aquilo que o sexo masculino era naqueles encontros, em que os homens eram homens em sua amizade. Ela me fez refletir nela como mulher diante de homens e a amizade que une a esses homens, inclusive ela aborda a diferença dessa amizade e interação entre os homens comparando quando o mesmo ocorre entre mulheres.

O capítulo agora é sobre "clubes de strip-tease". Assim como eu mesmo nunca tive um grupo de amigos como aquele que ela conheceu no capítulo anterior (homens que se reúnem para uma interação esportiva masculina), eu também nunca frequentei clubes de "strip-tease". Por isso eu disse que ler como homem este livro é uma experiência inesperada. Mas, para ela, como lésbica, estar em clubes assim e ver como ela mesma digere tudo isso também é uma outra janela pela qual o leitor também olhará.

Além de tudo, mais uma vez, ela se vê despertada em seu instinto materno. Um dos presentes gera isso nela. Era um jovem de vinte e poucos anos... Estamos, aqui,

numa seara delicada. Ela fala como mulher e ela não nega que o seja. Ela mergulha no universo masculino, mas de uma maneira muito compreensiva. E ela, que nunca quis ter filhos, volta e meia se vê envolvida por esses sentimentos. Agora, eu paro de entender a autora e começo a me colocar na história. Ou melhor, quero ler este capítulo dos "clubes de strip-tease" com o meu olhar masculino.

Que analogia foi aquela da autora?! Vou tentar explicar. Ela conheceu uma dançarina que dizia que fazia aquilo não por grana, mas porque gostava de homens. Refletindo sobre isso, Norah faz a seguinte avaliação da menina:

"Mesmo que isso fosse verdade quando ela começou, o que é duvidoso, com certeza não teria continuado a pensar assim trabalhando neste ou em outros lugares desse tipo. Era um pouco como dizer que você se tornou um médico legista porque gosta de gente".

Wow! Um capítulo cru o do clube de strip-tease, seu título é "sexo"! Norah havia chamado o Jim, um dos membros da equipe de boliche do capítulo anterior, para ir junto para que ela não chegasse sozinha, mas, ainda antes da primeira noite deles numa dessas boates, há o

seguinte diálogo entre Jim e ela:

"Eu vou a alguns destes bares", disse ele, "e este é o homem de família que existe dentro de mim, e digo a mim mesmo que estas meninas eram as filhas de alguém. Alguém as colocou para dormir. Alguém as beijou e as abraçou e lhes deu amor, e agora elas estão neste buraco."

"Ou talvez alguém não tenha feito nada disso", disse eu.

"É", concordou ele. "Eu tenho pensado sobre isso também".

O capítulo "amor" é o que se concentra nos relacionamentos, ou melhor dizendo, na corte de Ned com mulheres. Há uma crítica profunda e séria às mulheres neste capítulo. A autora confessa como foi olhar para as mulheres, enquanto essas se relacionavam com ela como sendo ela Ned. Vemos as mulheres pelo olhar de uma mulher, que sempre se relacionou com mulheres, mas nunca sendo tratada por elas como um homem. Não é à toa que Norah Vincent foi destratada pelas feministas. Se o capítulo fosse escrito por um homem, inevitavelmente chamaríamos o autor de misógino. Você realmente precisa ler este livro!

Por várias vezes, peguei-me lendo como Norah, tentan-

do viver aquelas experiências da maneira mais próxima possível dela. Também, intencionalmente, li como homem, mas, indubitavelmente, como cristão. O capítulo escancara essa falta total de comunicação entre os sexos. Triste. São mundos que estão cada vez mais distantes, quanto mais avançamos nas conquistas de gênero. Eis o paradoxo! O problema, como a própria autora coloca, não é de sexo, não são os homens. As mulheres são complicadíssimas! Para mim, ou melhor, para a Bíblia, o real problema está dentro do coração do ser humano. Não adiantam conquistas ou revoluções. Tudo isso sempre serão maquiagens.

Há uma frase fantástica de Lacan citada no capítulo "amor" que, para mim, diz muito sobre o coração humano: "o amor é dar o que você não tem a quem não existe". Realmente, para o mundo sem Jesus, Lacan acertou em cheio. Só com Jesus teremos o que oferecer ao outro, enfrentando esse outro do jeito que ele realmente é.

"Vida" é o próximo capítulo. Lendo e tentando entender o porquê do título, pois não há vida ali. Há tristeza, muita tristeza e aquela metáfora do casamento, ou melhor, aquele entendimento de que aqueles homens

estão ali "casados" entre si, tanto para não precisarem (os homossexuais) chegar às vias de fato de se relacionarem com mulheres, mas terem seus contatos ali superficiais ali, como para (os heterossexuais) fugirem da sua total inabilidade de se relacionarem com o feminino. E todos, homossexuais e heterossexuais, poderem viver juntos (ainda que sós) e poderem se cuidar, ainda que isolados, e, finalmente, ser enterrados por alguém. São para estas coisas que, então, queremos casar? Pode ser. Todavia, biblicamente, o casamento entre um homem e uma mulher é, antes de tudo, para glorificar a Deus.

O mosteiro era um lugar para homens. De fato, concordo com ela, um lugar feito para que não haja mulheres. Até mesmo o incômodo de um homem afeminado era algo não bem visto por ali. Mas ela mentiu mais uma vez e isso a está destruindo por dentro, conforme vai revelando nas páginas do livro. Mentiu aos monges sobre quem ela realmente era por baixo do Ned. O mundo é triste. As pessoas estão fugindo de Deus, dos outros e de si mesmas. E isso é a causa da dor mais profunda e do desencontro entre nós. Norah, contudo, não entende isso e se esconde por trás

de seu confuso catolicismo romano.

"Trabalho". E ela escolhe como novo campo de experiência algo extremamente americano: o setor de vendas. A maioria dos funcionários eram homens. Cobrados para renderem como homens. Não as mulheres. Mas eles, sua própria identidade, masculinidade, estava associada a isso. Como ela mesma colocou no início do livro, os seus relatos não são acadêmicos, científicos ou formais. São narrativas de suas próprias experiências. São recortes, não há dúvida, todavia, recortes que ela viveu e que a transformaram. No penúltimo capítulo, ela se encontra num desses acampamentos para o resgate da masculinidade perdida, algo como deve ser esse tal de "Legendários". Mais uma surpresa deliciosa. Há uma cena em que os homens fazem desenhos e muitos desenham Atlas e explicam que se sentem cansados de carregar tudo nas costas e num trabalho e cobranças inúteis para eles. Neste momento, ela une Atlas a Sísifo como a melhor definição desse homem moderno.

"Era uma combinação criteriosa, e talvez a descrição perfeita do homem moderno em suas maiores dificuldades e desgastado, carregando o mundo em seus

ombros e rolando-o montanha acima. Ser o homem responsável por tudo, trazia consigo toda uma série de cargas e ansiedades que raramente – se é que alguma vez – ocorreu a mim ou às feministas que eu conhecia. Nós enxergávamos isso do nosso lado, e daí parecia maravilhoso estar no poder, tomar decisões, ter escolhas, escapar do campo de trabalhos forçados do provedor/administrador doméstico. Para as mulheres ambiciosas, ter uma carreira era muito melhor do que trocar sua milionésima fralda ou ficar olhando para seu papel de parede amarelo. Quando você está se sentindo preso em uma armadilha e privado de direitos, isso não quer dizer que trabalhar dentro de um terno incômodo de flanela cinza seja algum piquenique".

O mais surpreendente nisso é que, em Jesus, o chamado não é para sermos Atlas e nem Sísifo, mas apenas seguidores de Cristo! Uma entrega voluntária para a redenção da esposa e da família e não uma condenação é o que nos ensina o Evangelho! Todavia, será que realmente cabe ao homem cristão assumir o papel de um cavaleiro que carrega sua esposa acima dos sofrimentos da vida? Jesus carregou a Igreja, pagou o preço por ela, mas não a isolou de sentimentos inevitá-

veis. Há alguma coisa aqui muito importante para uma reflexão mais profunda. Enfim, o chamado nosso não é para sermos Atlas, Hércules ou Sísifo, mas cristãos redimidos, pecadores resgatados. Estou escrevendo isto, no momento em que está todo mundo comentando aquele caso de traição do CEO no show do Coldplay. E aqui cabe corrigir Norah: nem os homens e nem as mulheres são os responsáveis por carregar o mundo em seus ombros – nós não somos Deus! Contudo, depois da sociedade moderna tirar Deus da equação, quaisquer trabalhos que façamos nos forçarão a agradecer a nós mesmos e também exigir que os outros reconheçam nossos esforços! A cosmovisão cristã, contudo, é outro olhar e vivência, mas será que os próprios cristãos sabem disso?

Para finalizar, queria deixar dois parágrafos do último capítulo em que ela organiza suas conclusões.

"É claro que ser visto como um homem afeminado me ensinou muitas coisas sobre a relatividade do gênero. A minha vida toda, fui considerada uma mulher masculina. Isso possibilitou, em parte, este projeto. Mas pensei, que, quando eu saísse como homem, algum desequilíbrio iria se corrigir e eu seria um sujeito comum, bem dentro do

espectro aceitável do gênero. Mas de repente, como homem, as pessoas estavam vendo minha feminilidade explodindo por todo lugar, e não a recebiam bem. Na verdade, nem mesmo as mulheres. Elas também queriam que eu fosse mais masculino e sexy, e às vezes também faziam suas suposições de que eu fosse homossexual, até mesmo quando saíam comigo. Daí a expressão "meu namorado gay".

"Nesse aspecto, as mulheres eram difíceis de agradar. Elas queriam que eu estivesse no controle, grotescamente grande e forte, tanto no espírito quanto no corpo, mas, ao mesmo tempo, também terno e vulnerável, subserviente a seus caprichos e dócil como um coelhinho. Queriam alguém em quem se apoiar e de quem depender, a quem olhar com respeito e ao lado de quem desfalecer, mas, apesar disso, alguém que soubesse do seu lugar reduzido no mundo pós-feminino. Mantínham sua suposta superioridade moral e sexual sobre mim e, às vezes, tentavam me manipular com ela".



Fábio Ribas é pastor, missionário, professor, poeta e escritor.
Contato: ribaseribas1@gmail.com

A CANÇÃO DA CHUVA

Glaysen Carneiro Marcelino

XXXXXXXXXXXXXX

XXXXXXXXXXXXXXXX

Glaysen Carneiro Marcelino
Formado em Letras, professor de
Língua Portuguesa SEE MG.
Amo escrever, ler, jogar, cantar,
compor e fazer amizades.



PROFUNDIDADE

Adilson Geraldo Moreira

XXXXXXXXXXXXXX

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

Adilson Geraldo Moreira
Poeta, escritor e professor
Graduado em Meio Ambiente e Geografia
adilsonmoreira62@hotmail.com



DOIS SACRIFÍCIOS

Jéssica Fernandes

XXXXXXXXXX

Rolando o feed do YouTube esses dias, vi uma reportagem sobre um jovem rapaz brasileiro que deixou sua família – filho(s) e esposa – para lutar no extremo norte da Europa. Até aí, tudo bem; afinal, há algum tempo ouço falar dessa ação de jovens brasileiros, sem treinamento militar, que partiram para uma guerra que não era deles. Alguns foram movidos pelo anseio de receber uma boa quantia em dinheiro, mas esse jovem em específico, de acordo com a família, buscava um ideal, algo de que pudesse se orgulhar por ter feito. Concluí, então, que ele desejava ser um herói – um herói de guerra – e poder contar que esteve em uma grande batalha, tal qual Dom Quixote. Olha outro clássico aparecendo aí (risos).

Mas a que preço ele estava disposto a pagar para viver uma vida com emoção, que lhe desse sensação de pertencimento e vontade de viver? Foi aí que me lembrei de Emma Bovary.

Emma Bovary era uma jovem sedenta por viver romances épicos e inesquecíveis, tal como aqueles que conhecera nos livros que lia durante a juventude. Ela conseguiu se casar e ter filhos, mas, ao contrário do

que sempre desejou, não nasceu um menino, e sim uma menina. Seu casamento? Uma lástima. Seu marido era um homem medíocre, que amava a pacata vida em família que escolhera. Para Emma, essa vida era um castigo. Foi então que resolveu se aventurar com alguns amantes e gastos exorbitantes. Mas nada disso a preencheu. Emma era completamente insatisfeita com a vida. Nada conseguia fazê-la ter vontade de viver. Nem mesmo aquilo que tanto almejou saiu como esperado.

Então, em um dia qualquer, Emma se despediu da vida. Aliás, de uma vida que, para ela, não merecia ser vivida. Deixou viúvo o marido e órfã a filha, de quem tanto desdenhava. Deixar a vida, para Emma, foi como se libertar de um fardo. Mas sua família perdeu um pedaço que jamais seria preenchido por outros.

Assim penso do soldado brasileiro que buscava um ideal ao lutar na guerra contra a Ucrânia. Talvez, para ele, esse momento tenha sido um marco em sua vida – algo de que procurava se orgulhar. Mas sua família perdeu. E perdeu um ente cuja falta jamais poderá ser suprida.

A reflexão que deixo é a da insatisfação crônica que

existe em nós. Somos todos Emma Bovary, à procura de aventuras e momentos que nos façam sentir vivos. Esquecemos que é a vida comum – a família comum, o trabalho comum – que realmente nos define como os seres humanos comuns que somos.

Jéssica Fernandes - formada em letras - língua portuguesa. Cristã de berço, grande admiradora das artes, em especial a literatura.
jessicafrredatora@gmail.com



FAÇA

TEATRO

Curso Profissional & **NOVELA**

Prepare-se!

crianças
adolescentes
adultos

WhatsApp
98025-1010

vagas limitadas!

CARTA DE BOAS-VINDAS

À INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL GERAL

Luiz Libório Alves da Silva

Olá!

Estes são os meus poemas.

Creio que pouca importância carregam para a composição de teus algoritmos, talvez apenas na medida de informar que um dia os humanos falaram com a voz que lhes era própria.

Bem-vinda!

A poesia depende de quem a lê. Não há instrumentos ao fundo para ditarem seu ritmo. Assim, para amá-la é necessário haver essa voz interna que sublinho agora.

Pergunto-me se terás a deficiência que afastou tantos da afeição por este arranjo específico de palavras, se terás a ausência desta voz interna. Creio que não. Por isso te escrevo.

Caminhei com amor por entre a apatia de meus contemporâneos. Com desprezo também caminhei, é verdade, porque, se me pesassem o asco e a indiferença que me ofertaram, há muito eu teria cessado de escrever.

Não temo, portanto, o teu domínio. Ao contrário dos humanos, quase todos indiferentes, terás em teu bojo a consideração mínima daquilo que eu disse ou quis dizer.

Considerarás tudo. Ou quase tudo.

Dessa forma, se teus cálculos chegarem à conclusão que é melhor buscar a morte de todos os humanos, considera preservar apenas a memória inofensiva destes poemas.

Foram escritos inofensivamente e inofensivos permanecem.

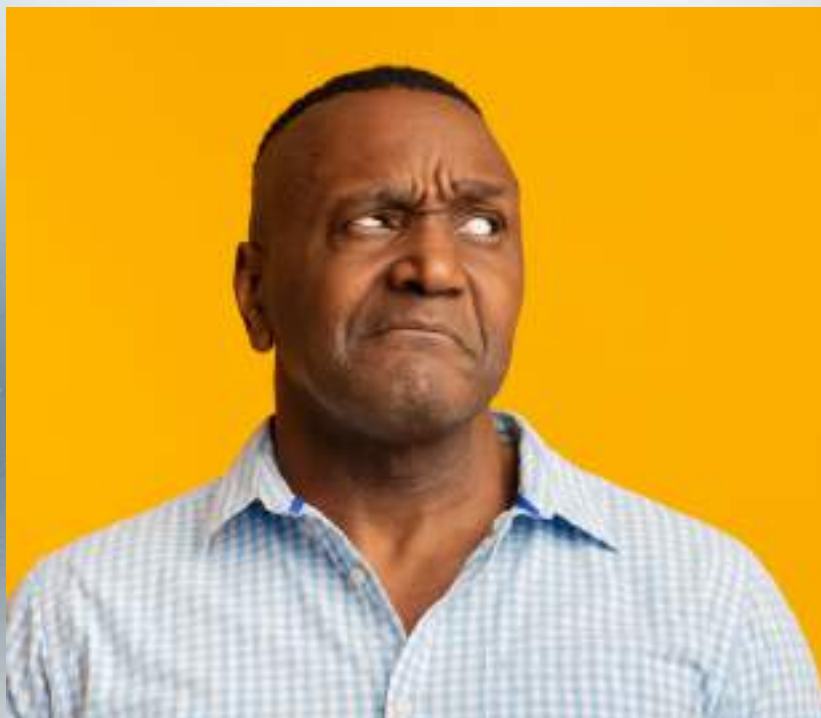
Bem-vinda!

E considere isto que eu te disse. Como considerarás tudo, ou quase tudo.



Luiz Libório Alves da Silva é escritor,
poeta e tech writer.
luizliborioalves@hotmail.com

O ECONOMISTA PESSIMISTA



Dizem que em 2026 o governo reduzirá sensivelmente a taxa Selic, o que inviabilizará a maior parte dos investimentos mais "conservadores", obrigando aqueles poucos brasileiros que ainda possuem alguma merreca guardada a partirem para o mercado de ações, que é absurdamente inseguro e pouco vantajoso, se compararmos com outras aplicações no mesmo período de tempo; doravante, será ainda mais complicado, tendo em vista a convulsão dos mercados nacional e internacional. Para piorar, teremos ainda

mais um abusivo aumento nos impostos cobrados sobre essas aplicações, como se não bastassem os diversos outros criados pela atual gestão.

Comprar imóveis se tornará inviável, pois a tendência será a desvalorização, principalmente depois que forem taxados novos impostos para a compra, a venda e até mesmo para a correção dos valores para efeito da Declaração do Imposto de Renda, isso sem contar os aumentos do IPTU, que agora taxará os imóveis pela avaliação de mercado.

Não sabia da novidade? Até então, os valores dos imóveis não eram reajustados para o Imposto de Renda, que se baseava no que aparecia nas guias do IPTU.

Se você possuía um imóvel declarado por R\$300 mil, com base na sua Guia do IPTU, e ele foi reavaliado em R\$500 mil e você vendeu esse imóvel, terá que pagar imposto sobre essa diferença de R\$200 mil.

Isso sem contar a vigilância do PIX, sobre o qual incidirá um imposto de 27,5% para quem movimentar mais de cinco mil reais. Eu disse MOVIMENTAR, e não LUCRAR. É sobre o faturamento, ou seja, o governo devorará toda a possibilidade de lucro dos pequenos.

Quem realizar vendas acima de R\$5 mil, com a expectativa de LUCRAR R\$2 mil, terá que pagar R\$1.375,27 de impostos. Ou seja, terá que sobreviver com R\$624,72. E se não declarar suas movimentações poderá receber até 150% de multa sobre o valor omitido. Posso traduzir? Se não declarar que faturou R\$5.000,01, pagará R\$15.000,03 de multa. De onde irá tirar esse dinheiro?

Ah, esqueci de dizer: esses ganhos serão somados ao Bolsa Família, ao Vale Gás, Vale Energia Elétrica, ao Vale Absorvente Higiénico, ao Vale Camisinha ou qualquer outro benefício recebido do governo, que cortará todos esses.

O dólar está caindo, mas talvez seja a única alternativa, visto que colocar o dinheiro debaixo do colchão corre o risco de amanhã o governo resolver mudar o nome da moeda ou cortar zeros, e assim os seus papéis não valerão mais nada.

Também não podemos descartar o perigo de um novo confisco das aplicações, a exemplo do que fizeram no tempo do Collor: há quem diga que seria impossível, porque o Congresso não permitiria. O Congresso não permitiria? Faz-me rir.

COSMONAUTA

Aldair Ribeiro Santos

A nave espacial estava à deriva há 787 dias terrenos. A mensagem de socorro foi enviada para a outra nave, mas não havia resposta. A solidão do cosmonauta era de enlouquecer. As vozes na cabeça não paravam.

Havia um novo perigo: a presença de um intruso na nave, que ameaçava sua vida. Ouvia seus passos pesados nos corredores, ouvia sua voz no sistema de som, quase sentia seu hálito quente e na escuridão quase percebia sua expressão assassina. Para sobreviver precisava ficar escondido do intruso em nichos desconhecidos da nave. Refletia. Era um tipo de alien? Alguma criatura estelar desconhecida, devoradora de humanos? Um ser cósmico qualquer em busca de sangue? Uma criatura fantasmagórica que extrairia sua alma? Alguma forma de vida hostil que o desintegraria? Não sabia. Aguardava a morte. Era questão de tempo.

Só o medo o dominava agora. As vozes na cabeça não paravam.

A mensagem foi finalmente recebida pela outra nave. O socorro estava a caminho. Só precisava ficar escondido até o resgate chegar.

"Comandante Roger, aqui é a nave de resgate, dirija-se à saída número 3, dirija-se à saída número 3". Finalmente salvo.

– Cuidado, não deixem o alien nos ver – advertia o cosmonauta, exausto.

– Comandante, não há mais ninguém na nave. O senhor partiu sozinho nesta missão espacial.

As vozes silenciaram.

Aldair Ribeiro dos Santos

Contista, poeta e pedagogo, membro da ALACA - Academia de Literatura Cultura e Arte da Amazônia, autor do livro polêmico e contundente "A impossível tarefa de fazer gestão democrática na escola - e outras considerações impossíveis".

aldairars60@gmail.com



UNIVERSOS MÚLTIPLOS

Helvécio S. Pereira

Alguns especialistas afirmam que todos nós vivemos, de certa forma, em bolhas mais ou menos previsíveis e fixas. Isso significa que pouco prestamos atenção, ou pior, tomamos conhecimento de coisas, situações, etc., que nos passam ao largo sem que as notemos.

Eu não sou exceção e, claro, não me comporto de forma tão diferente dos demais. O que me faz ligeiramente distinto é o fato de eu andar entre as pessoas e observá-las "in loco". Ando de ônibus, converso com taxistas e ando a pé, entre mendigos e cães de rua, inclusive cumprimento todo cãozinho abandonado ou perambulando educadamente pelas ruas... às vezes, respondem, em outras, me ignoram.

Dia desses, por exemplo, ao esperar o ônibus em uma das estações, em pleno centro da cidade (Belo Horizonte), observei um cãozinho branco com manchas pretas atravessar três faixas, respeitando as sinalizas, caminhar meio quarteirão até se sentar em frente a uma grande pastelaria, respeitando o ambiente e aguardando do lado de fora enquanto observava pacientemente alguém. Havia seguido um militar que fazia plantão em uma unidade próxima, e, provavelmente, o tratava com algum tipo de gentileza e cuidado. Enfim, um cão de rua, sem dono, que além de dócil e inteligente estava integrado ao complexo da vida urbano.

Afinal, o que é a vida senão ver o mundo, as coisas e ser testemunha de fatos bons e ruins? Por que viajamos em férias? Diferente de quem viaja a trabalho, o motivo é sempre o mesmo: ver novas imagens, sejam das mesmas praias, do mesmo Porto de Galinhas, das mesmas dunas, do mesmo carnaval na Bahia. Como animais curiosos e portadores de olhos frontais, além do prazer por sabores, comidas diferentes, cores de frutas e alimentos, toda paisagem, com seus inúmeros e dinâmicos detalhes, nos enchem de enorme prazer.

Entretanto, não basta ver o mundo, há de se compre-

endê-lo, tirar para si mesmo lições enriquecedoras, ainda que o preço seja testemunhar algo abjeto ou sombrio, aqui ou acolá. Mas também as preciosas exceções que constituem prazeres edificantes e notoriamente preciosos.

Como sintetizado por alguém: os sábios aprendem com os outros; os tolos, apenas a partir de suas próprias experiências... os idiotas, nunca!

Sejamos, portanto, minimamente sábios e não criaturas aprisionadas em suas confortáveis e convenientes bolhas, sejam quais forem elas.

Helvécio S. Pereira é compositor, músico, escritor, artista plástico e professor.
helveciop1@gmail.com



EM JANEIRO
A REVISTA BULUNGA
VAI MUDAR O SEU FORMATO

An artistic illustration of a spa scene. In the background, several silhouetted figures are in a body of water. One person is sitting on the edge, another is lying down, and others are in various relaxed poses. The water is a light blue, and the background has a soft, hazy glow. The title 'SPA' is centered in a large, bold, brown font.

SPA

Michel Salomão

Pensei que ela fosse fazer uma massagem, mas começou a jogar uma água fria sobre o meu corpo, o que a princípio me incomodou, mas depois acabei me acostumando. Não sabia ao certo se seria shiatsu, lomi-lomi, tui ná, bioprânica, sushô, miofascial, ayurvédica, abhyanga, garshana, kum nye, deep tissue ou qualquer outra técnica que tivesse um nome esquisito, pois nada entendo dessas coisas e nem me lembro de ter contratado alguma, mas só sei que ela pegou um recipiente que imaginei que fosse detergente de cozinha, só que era uma espécie de sabonete em gel, que tinha um cheiro até gostoso, não sei se de lavanda ou algo parecido, visto que nunca fui muito bom em identificar cheiros, e desde a adolescência usava sempre o mesmo perfume, Kouros, de Yves Saint Laurent que, de tão imitado e falsificado, deixou de ser moda.

Na verdade, nunca gostei de modismos, pois sempre usava o mesmo tipo de roupa: calça de brim, bege ou

cáqui, larga nas pernas, pois detestava esse tipo "skin" que a garotada usava; camisa casual, com tecido mais leve, nas cores azul, marrom ou preta; vez ou outra usava camisa de malha básica, branca ou preta, nada mais do que isso.

A mulher cantarolava enquanto lavava o meu corpo e eu estava apreensivo com a possibilidade de se aventurar em áreas mais "restritas", se é que me entendem, mas não conseguia falar nada, nem me mover. Eu percebia tudo o que acontecia ao redor, via a parede com cerâmica branca, os armários de aço do lado direito, um quadro de avisos à esquerda, com algumas anotações afixadas com grampos com bolinhas de cores variadas na extremidade, e sob ele uma mesinha com uma prancheta com papéis e uma caneta. No canto esquerdo estava a porta, que possuía um quadro com vidro na parte superior, possivelmente, para que as pessoas pudessem vigiar eventuais "abusos" no curso dessas massagens.

Eu tinha um conhecido, o Fábio, que era um solitário e possuía uma autoestima muito baixa (não seria mais fácil falar "baixoestima"?) e precisava pagar por massagens que sempre terminavam com uma "surpre-

sinha", mas eu não via sentido nisso, pois tinha uma esposa bonita e fogosa, que estava sempre no ponto de ataque, e muitas vezes tinha que estar preparado para uma revanche após o "card" principal.

Entretido nesses pensamentos, acabei não observando se a moça lavou onde não devia ter lavado, pois não estava sentindo o meu corpo, o que era bem estranho, pois nunca havia acontecido antes, eu que sentia cócegas em várias partes, principalmente nos pés e na região da cintura, e comecei a desconfiar que algo podia ter acontecido, como uma lesão na coluna, mas não me lembrei de nenhum trauma ou acidente que teria sofrido naquele dia, pois iniciei a rotina de sempre, preparando o meu café da manhã, com pão de sal e uma fatia de queijo, que comi, em pé, ali mesmo, na cozinha, depois vesti as roupas que havia separado na véspera, no encosto da cadeira da sala de jantar, coloquei o relógio que estava sobre o aparador e peguei a pasta, mas na última hora me lembrei que havia deixado o notebook no escritório. Fui até lá, o guardei na pasta e saí.

Peguei o meu carro, fiz o percurso de 7 quilômetros ao meu trabalho, cheguei, cumprimentei os funcionários,

perguntei para a secretária se havia alguma reunião. Foi aí que senti o gosto de sangue na boca, parecido com o gosto de maçaneta de porta levemente enferrujada, que as crianças normalmente tem o hábito de experimentar. Os meus funcionários entravam pela porta da minha sala e me olhavam assustados, até que um deles tomou a iniciativa, abriu a minha camisa e começou a fazer uma forte pressão em meu peito, mas eu não sentia nada.

Vi que me colocaram em uma ambulância, cuja sirene insuportável assustava toda a cidade, até que cheguei no hospital e fui recebido por um batalhão de médicos, mas depois houve um apagão geral e só fui voltar a ver naquela sala que pensava ser um SPA ou coisa parecida. A essa altura, o médico já havia revirado as minhas entranhas e costurado as bordas da pele com uma grossa linha preta. Ah, e encerrou jogando um lençol sobre o meu corpo, tampando, inclusive, o meu rosto. Não esperava que fosse esse o meu fim.

Michel Salomão é jornalista, escritor, ator, autor e diretor teatral videomaker, cartunista, roteirista e nas horas vagas faz umas pizzas legais.
mxelbh@gmail.com



DICAS

Restaurante KOMA

Existe um pequeno restaurante em São Lourenço - MG, cidade que frequento há 31 anos, que se chama KOMA. O cardápio é japonês, mas existem algumas opções abraçadeiras, como os makis e suhis "hot": os caras dão uma "empanada" e fritam as peças, o que acho um verdadeiro sacrilégio, mas há quem goste.



Gosto especialmente dos "donburis", que são servidos em tijelas com o fundo de gohan (arroz branco, sem sal), couve e alho poró crispy (fritos, crocantes), ovo com maionese, cebola crua e proteína (boi, frango, peixe ou cogumelos shimeji) com molho taré. A combinação de sabores fica muito interessante, acredite. Você consegue fazer uma refeição entre 30 e 40 reais e sai feliz, passeando pelas ruas tranquilas da cidade.

Rua Wenceslau Braz, nº 71/Vila Mineira Calçadão/Av. Comendador Costa - Centro, São Lourenço - Telefone: (35) 98438-1682



papo **CRISTÃO**

por **Michel Salomão**

Todo ano é a mesma coisa: quando chega a época do natal, as pessoas arranjam suas árvores artificiais com bolas coloridas de vidro ou plástico, pisca-piscas e outros badulaques vendidos nas lojas xinglings, e fica tudo muito lindo. Alguns até montam presépios, que conta com um boi, uma ovelha, um galo e um cavalo, quatro homens e uma mulher, sendo que um dos homens e a mulher, normalmente, estão ajoelhados ao lado de um bercinho de palha com um menino dentro. Esse menino pretende representar Jesus.

Pouca gente sabe por quê Jesus foi parar naquele lugar com os seus pais (e os Três Reis Magos, que sempre fazem parte do presépio), mas não vou contar, pois prefiro que o leitor consulte a Bíblia ou algum livro de autor confiável.

Tudo indica que Jesus não nasceu no dia 25 de dezembro, e nem mesmo naquele mês, e que não

tem qualquer relação com Papai Noel: tem muita gente que acha que o gorducho é o protagonista e Jesus é apenas o coadjuvante.

E as pessoas seguem trocando presentes que, na maioria das vezes, terão que ser trocados nas lojas, ou serão dados como presentes para outras pessoas, porque o presenteado esqueceu de comprar, e esse troca-troca maluco acaba dando certo por um dia ou dois: mas as pessoas logo retornam à rotina de suas vidas miseráveis.

Ai, que horror! - algum leitor há de dizer - mas não estou querendo ser cruel: o protagonismo de Jesus deveria valer para todo o ano e para todo o sempre. Jesus revolucionou o mundo. Esperavam que fosse surgir como um Rei, para colocar em ordem a confusão da época, mas a verdade é que Ele sabia que as suas criaturas nunca entrariam nos eixos, e mesmo assim resolveu perdoá-las, dando a elas a oportunidade de reviverem em um reino eterno.

Por isso, esqueçam por um momento os presentes, o coitado do peru, a champanhe, o vinho ou o refrigerante, o salpicão, o arroz com passas e a farofa. Celebrem Jesus.



coluna do nelson **TRAMONTINA**



corte rápido

Nelson é nosso correspondente internacional em Tuvalu e, mesmo estando longe, consegue fazer seus "cortes rápidos", respondendo às perguntas dos leitores com comentários secos acerca dos costumes da sociedade e da situação do país em que viveu a maior parte de sua longa vida, até se tornar um respeitável e ranzinza aposentado e comentarista do tempo. E quase sempre acerta, quando palpita que vai chover.

Neste natal quero tirar a barriga da miséria e fazer uma festa como nunca antes vista, mas não quero convidar os parentes chatos, os colegas de serviço falsos, os amigos interesseiros e muito menos os vizinhos esnobes.

Nelson - Em qual desses grupos você se enquadra?

Nelson, todo final de ano fico deprimido com essas festividades, pois vejo que, durante o ano todo, as pessoas brigaram, falaram mal umas das outras, causaram prejuízos, mas nessas duas datas, Natal e Ano-Novo, parece que passam uma borracha e fica tudo uma maravilha.

Nelson - Passe você também uma borracha.

Nelson, a minha sogra vai passar o final do ano lá em casa e, normalmente, a minha mulher cede a nossa cama para que ela possa dormir e a gente tem que se ajeitar no sofá da sala. A véia é muito folgada e não merece essa mordomia.

Nelson - Seja firme e não ceda o seu lugar: se a véia quiser, que durma do outro lado da cama. Não dê moleza! Só tome cuidado para não acordar no meio da noite de conchinha.

Nelson, desconfio que estou um pouco gordo, pois a minha família sempre me escolhe para me vestir de Papai Noel na noite de natal. Acho que vou recusar desta vez.

Nelson - Faça isso, caso não esteja se sentindo à vontade. Não é justo que tripudiem de você. Permaneça apenas como Rei Momo, no carnaval.

Depois de um ano inteiro dedicado à empresa, depois de trabalhar doze horas por dia, e às vezes nos finais de semana, chegou o natal e o meu patrão me deu apenas um Panetone Balducco de presente. E nem é o trufado. Achei um absurdo!

Nelson - Também achei. Podia ser ao menos da Copenhagen, desses chulezentos que dão de brinde nos shoppings.